

A SABEDORIA DA CRUZ

COMPLETO EM MIM O QUE FALTA AOS SOFRIMENTOS DE CRISTO

“Sede meus imitadores, pois, como filhos muito amados” (Ef 5,1). Para chegar a tanta altura Deus nos preparou uma escada, propondo-nos imitar o seu Filho feito homem: primeiro humilhado e aflito, depois exaltado e glorificado.

Pela cruz nos tornamos conformes ao Filho de Deus, Cristo crucificado, que é grande dignidade e utilidade. Pois como fomos conformados a Cristo na tribulação, o seremos também na felicidade. Deus ordenou que aquele que faz a justiça seja herdeiro de Deus, e que tão grande felicidade e glória não nos toque senão ao mesmo tempo com Cristo, por meio de fadigas, de dores, de cruces, por muita e grande prudência: “Participar dos sofrimentos de Cristo para participar também da sua glória” (Rm 8,17).

Se observamos bem as palavras do Apóstolo, encontramos motivos bem fortes para a nossa paciência. No entanto, se Cristo nossa Cabeça nos precede com a Cruz, porque não queremos nós seus membros segui-Lo generosamente levando a mesma cruz? Participaremos, pois, da sua glória, não de uma glória qualquer, mas da mesma glória de Cristo, filho de Deus. Na verdade “os sofrimentos da presente vida não têm proporção alguma com a glória futura que nos deve ser manifestada” (Rm 8,18). Como dizer: com um pequeno sofrimento conquistaremos uma glória imensa, com um sofrimento momentâneo conquistaremos uma glória eterna.

Tenhamos a esperança certa de que em breve estaremos livres de todo trabalho; esta esperança excite nosso ânimo para aceitar com paciência qualquer mais áspera e dura tribulação. E depois, “o Espírito vem em auxílio à nossa fraqueza” (Rm 8,26). Tendo nós um tal socorredor e inspirador, como não tomaremos com fortaleza a cruz sobre as costas?

A PACIÊNCIA, VIRTUDE DOS FORTES

“Tendes necessidade de paciência para fazerdes a vontade de Deus e alcançardes os bens prometidos” (Hb 10,36). A paciência é aquela virtude pela qual o bem espiritual do homem é defendido contra a tristeza, de modo que por ela não seja vencido e abatido.

Percebe-se a necessidade da paciência quando se considera a multidão dos males de que a nossa vida é circundada por toda parte e em todo momento, depois que o pecado original introduziu no mundo a morte com tudo que a ele está ligado. A necessidade da paciência resulta ainda da presença em nós das paixões desordenadas que com força e fúria contrastam com o nosso verdadeiro bem; da multidão e da raiva dos inimigos, visíveis e invisíveis, que querem prejudicar nosso corpo e nosso espírito com tantas tentações e insidias e perseguições, das quais não se pode iludir de ter tréguas. Deve-se, pois, considerar também o fato que o próprio Deus, nos seus desígnios de Pai, quis através destes meios purificar e estimular o melhor possível nossas almas.

Por isso vemos que desta lei de sofrer ninguém é isentado, nem mesmo entre os justos. Aliás, aos mais santos e seus melhores amigos parece que Deus prepara penas ainda mais graves, e oferece pela sua mão um cálice também mais amargo. Maria, Mãe de seu Filho, tornou-se a Rainha dos Mártires e a Mãe das Dores. E por este caminho de sofrimento passou também o próprio Filho de Deus. “Não era necessário que o Cristo sofresse essas coisas, e assim entrasse na sua glória?” (Lc 44,26)

Por outro lado o exercício da paciência traz consigo o gozo da mais profunda paz, pois a paz é justamente obra da paciência. E não só em vista do Céu, mas ainda aqui sobre a Terra. S. Paulo inclui a paciência entre “os frutos do Espírito” (Gl 5,22), os quais amadurecem e são apreciados já nesta vida.

ENCONTRO COM CRISTO JUNTO À CRUZ

Jesus vai em direção à sua cruz caminhando diante dos Apóstolos, com passo apressado (cf. Mc 10,32), para demonstrar a prontidão de vontade e o fervor de espírito com que ia padecer, sem temer os sofrimentos que o esperavam em Jerusalém.

O Evangelista salienta tal solicitude de Jesus em andar com passos rápidos em direção à humilhante obediência da sua Paixão e Morte, para que se veja a força do amor divino, o qual é como o fogo, como estímulo e espora, que apressa a faz correr com maior fervor em direção à obediência que é mais penosa para a carne, mas mais agradável a Deus. Ao contrário do egoísmo e do amor próprio, que vai com pés de chumbo quando se trata de ir para o exercício cansativo das virtudes, enquanto se apressa e corre quando se trata de tudo que é prazer e honra.

Bom Jesus, quanto é contrario o teu espírito ao espírito do mundo! Este inspira à proeminência sobre todos nas honras e nos prazeres terrenos. O teu, ao contrário, quer a proeminência nas humilhações e nos sofrimentos, aquele nas obras de maior glória mundana, o teu ao contrário naquelas de maior ignomínia.

Conhecimento do grande bem que é sofrer qualquer coisa por amor de Deus. “Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus. Bem-aventurados sereis vós quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque grande será a vossa recompensa nos céus” (Mt 5,1-12).

SABEDORIA DA CRUZ (cont.)

ACEITAR A CRUZ COM AMOR

O Senhor somente nos mostra a Cruz, para que tenhamos o merecimento da boa vontade em aceitá-la por seu amor. E depois no fim ele a leva por nosso amor.

As adversidades são sinais de amor, feridas medicinais com as quais Deus melhora a nós pecadores e nos poupa para a eternidade. “Eu punirei com vara a sua transgressão, e a sua falta castigarei com açoite. Mas não lhe retirarei o meu favor e não trairei a minha promessa” (Sl 88,33-34). “Punirei com a vara os seus pecados e com flagelos a sua culpa. Mas não lhes tirarei a minha graça e não faltarei à minha fidelidade” (Jr 31,88).

Deus vê todo nosso sofrimento. “Eu repreendo e castigo todos aqueles que amo” (Ap 3,19). “Filho meu, não desprezes a correção do Senhor. Não desanimes, quando repreendido por ele, pois o Senhor corrige a quem ama e castiga todo aquele que reconhece por seu filho. Estais sendo provados para a vossa correção: é Deus que vos trata como filhos. Ora, qual é o filho que não é corrigido pelo pai? Mas se permanecéis sem a correção que é comum a todos, sereis bastardos e não filhos legítimos. Aliás, temos na terra nossos pais que nos corrigem e, no entanto, os olhamos com respeito. Com quanto mais razão não havemos de submeter ao Pai de nossas almas o qual nos dará a vida? (Hb 12,5-9).

As visitas dos flagelos divinos são verdadeiramente grandíssimos favores.

Senhor, fazei que nós carreguemos e não arrastemos a cruz; e a carreguemos com tão boa vontade que cheguemos a gloriarmo-nos nela, antes, a carreguemos com tanto amor que cheguemos a não gloriarmo-nos senão nela (cf. Gl 6,14).

PACIÊNCIA E PRUDÊNCIA

Cristo nos ensina em que consiste a verdadeira fortaleza e paciência, que está entre a audácia temerária que se expõe contra os males quando não há necessidade, e a covardia pusilânime que foge quando é necessário afrontá-los e suportá-los. Por isso temos dois preceitos sobre a fortaleza e a paciência. Um contra a temeridade: “Quando vos perseguirem numa cidade fugi para uma outra” (Mt 10,23); e o outro contra a covardia: “Não temais aqueles que matam o corpo, mas não podem matar a alma” (Mt 10,28).

Por sua conta, Jesus, depois que ficou sabendo que os Judeus tinham tomado a decisão de matá-lo, “já não andava em público entre os judeus, mas retirou-se para uma região vizinha do deserto” (Jo 11,54), fugindo assim do perigo, até que chegasse o momento oportuno de afrontá-lo pela glória de Deus e pela salvação do mundo.

Mas quando chegou o momento, sabendo que já estava perto o tempo de sua paixão e que os Judeus em Jerusalém tratavam de matá-lo, quis ir, porque havia chegado a hora querida por Deus (cf. Jo 13,1). E nesta viagem, ele ia com passo muito apressado, caminhando diante dos seus Apóstolos, tanto que eles se admiravam e procuravam segui-lo cheios de temor (cf. Mt 10,32).

ALEGRIA MESMO DEBAIXO DO PESO DA CRUZ

“Dai-me um homem – diz o Crisóstomo – que não tenha em si nada que o condene, mas, seguro pela boa consciência, aspire fervorosamente as coisas futuras, aguardando aquela feliz esperança: o que poderá contristá-lo?”.

Certamente, é a morte a coisa mais intolerável ao mundo. Mas a própria expectativa da morte não só o contrista, mas em certo sentido até o consola, pois sabe que a morte é a libertação das presentes fadigas, a passagem obrigatória para chegar à coroa e ao prêmio reservado a quem luta pela virtude.

Talvez a imatura morte dos filhos o entristecerá? Ele saberá suportar corajosamente também esta e conseguirá repetir com Jó: “O Senhor deu, o Senhor tirou: fez segundo o que lhe foi agradável. Seja bendito o nome do Senhor” (Jó 1,21).

Pois se nem a morte nem a perda dos filhos podem tolher a serenidade desta alma generosa, muito menos a poderá abater a perda das riquezas. E se cai enfermo? Muito bem, ele ouvirá ainda a Palavra de Deus que o adverte dizendo: Na enfermidade e na pobreza confia em Deus. Porque “como o ouro se prova no fogo, assim os homens bem aceitos por Deus no crisol da dor” (cf. Eclo 2,4-5).

Sigamos, pois, a virtude se desejamos a verdadeira alegria. Componhamos bem a nossa vida e não nos faltará jamais um sólido, estável contentamento, que as contrariedades deste mundo não nos poderão jamais tirar e nem menos diminuir. Purifiquemos bem a nossa consciência, e com este bom testemunho não só viveremos dias tranquilos, pacíficos, alegres, mas no momento mesmo, terrível, da morte – quando a alegria vã do mundo se transforma em luto terrível – será confirmada a nossa segurança e o nosso gáudio se reduplicará, não devendo nós nada temer. Aos breves anos felizes no temor do Senhor que passamos aqui sobre a terra, se ajuntarão séculos eternos de perfeita alegria na própria alegria de Deus.

A SABEDORIA DA CRUZ (cont.)

VERDADEIRA ALEGRIA, ALÉM DAS APARÊNCIAS

“Feliz o povo cujo Deus é o Senhor” (Sl 143,15). Eis onde está a verdadeira felicidade, a verdadeira alegria: em reconhecer Deus como Senhor, em servi-LO com fidelidade, em viver finalmente conforme Deus.

Este pensamento volta repetidamente na S. Escritura. “Feliz o homem que não procede conforme o conselho dos ímpios, não trilha o caminho dos pecadores” (Sl 1,1). “Feliz o homem a quem ensinai, Senhor e instruis em vossa lei” (Sl 93,12). “Felizes aqueles cuja vida é pura, e seguem a lei do Senhor” (Sl 118,1). “Feliz o homem que teme o Senhor” (Sl 111,1). No Evangelho encontramos logo que são declarados felizes os humildes, os mansos, felizes os que choram, que sofrem perseguições por causa da justiça (Mt 5,3ss; Lc 6,21).

É claro portanto que só a vida bem ordenada segundo a regra divina é feliz, e que só a virtude – embora áspera e também privada de delícias exteriores, antes, acompanhada de tribulações – é agradável, contente, alegre.

Contemplemos os frutos de certas árvores, que se apresentam particularmente belos pela cor e forma, e gostosíssimos ao paladar. A raiz de onde procede tal beleza e doçura está debaixo da terra, assaz repugnante à vista e amaríssima ao paladar. Assim o sofrimento de quem vive segundo Deus produz frutos suavíssimos de alegria e de serenidade.

Se nós pois tivermos ordenado bem nossa vida, haveremos de gozar uma doce, tranqüila, perpétua jucuncidade, que nem mesmo as tribulações exteriores nos poderão tirar, mas que durará sempre igual também fora de nós, ou prosperas ou adversas, que nos consolam ou nos afligem, mas sim a interior disposição do ânimo.

O SEGREDO DA ALEGRIA

Como o vício constitui já aqui na terra, antes ainda da condenação eterna, uma fonte de amargura e de aborrecimento, assim, vice-versa, a virtude não tarda a premiar seus nobres amantes e esparge desde agora de antecipadas delícias desta vida, nutrindo-a de suaves esperanças e de prazeres puros, antes ainda de esperá-los no céu para coroá-los de glória imortal.

Quem tende a considerar a vida virtuosa e mortificada como melancólica e triste, não está muito convencido destas coisas. E não é de admirar. Também quem está doente acredita que o vinho seja amargo e a música tediosa, enquanto quem está são sente gosto e prova doçura neles.

Enquanto Agostinho estava mergulhado na imundície dos prazeres impuros parecia-lhes impossível poder viver sem estes. Mas depois que com generosa resolução libertou-se daqueles alimentos imundos, teve que declarar: “Oh quanto pareceu-me logo suave o estar livre daquelas vãs suavidades! E já era para mim alegria deixar aquilo que pouco antes temia perder. Pois, tu,

meu Deus, verdadeira e suma suavidade, as expulsastes de mim; tu as expulsastes e entrastes tu mesmo no lugar delas, mais doce que todo prazer”. A este santo podemos bem dar crédito, pois após haver provado o mal da doença, a ele se tornou ainda mais evidente a doçura da saúde.

Portanto, se a privação de um bem e de um prazer assaz vil é compensada não só com um dom imenso de felicidade lá no céu, mas superabundância de alegria aqui na terra, seria verdadeiramente uma loucura não saber dominar-se, com risco de perder para sempre a felicidade perfeita e definitiva.

PACIÊNCIA E ALEGRIA DE PE. GASPAR

Se eu dissesse que em sua doença na perna Pe. Gaspar teve que sofrer mais de duzentas incisões cirúrgicas, e todas assaz dolorosas, não direi nada mais que a simples verdade. Isto que ao contrário não se pode absolutamente exprimir em termos adequados à verdade é a invicta fortaleza com que ele sofria seja aquelas dores atrozes, que continuavam mesmo depois das intervenções, seja a imobilidade do corpo, pela qual teve que permanecer, diversos meses, pregado numa cama. Tudo isto ele sofria com tal suavidade e serenidade de rosto fazendo-o parecer não tanto um paciente resignado, mas muito mais o homem mais alegre e contente.

Muitas vezes, nos momentos mais agudos do sofrimento, repetia: “Batei, Senhor, batei que tendes razão; batei que mereço isto e muito mais ainda”.

Doze ou quinze dias antes da morte, sentindo-se um pouco melhor, uma vez que como de costume estávamos para levantá-lo e trocar-lhe a posição, pôs-se lepidamente a fazer brincadeiras com a boca e com os olhos para alguns daqueles que o assistiam, temperando assim como um pouco de sorriso suas muitas penas. Um dia, pois, já no fim da vida, tendo vindo visitá-lo dois professores do Seminário, e perguntando-lhe um deles como estava, respondeu brincando: “Estamos aqui na Escola”. Fazendo assim sorrir os dois sacerdotes, ficando edificadíssimos com ele. (1)



(1) – Seja-nos consentido acrescentar qualquer outro testemunho a propósito desta atitude de paciência e alegria, muito típico da personalidade de Pe. Gaspar e por ele transmitido a seus filhos. “É notório que os padres dos Estigmas encontravam no seu Superior Pe. Gaspar Bertoni, e na sua direção, uma larga compensação a todos os seus dissabores, e vivam naquele verdadeiro contentamento de ânimo que não se pode simular por muito tempo”, atesta o literato filipino Pe. Bartolomeu Sório. “Em todos aqueles dissabores e pobreza – assim dizia o Pe. Carlos Zara – viviam estes tão alegres e contentes, que era uma Páscoa só vê-los e ouvi-los”. Do Pe. Francisco Benciolini, fidelíssimo discípulo de Pe. Gaspar, é dito que “copiou em si do Fundador a arte de gozar sempre; de modo que conseguia com sua presença colocar-nos sempre de bom humor”.

PREGAÇÃO

A PALAVRA DE DEUS É VIVA E EFICAZ

Deus poderia falar só por si internamente, mas quer fazê-lo também externamente por meio dos homens. S. Paulo foi enviado a Ananias (At 9,8ss). E S. Agostinho adverte: “Não tentemos Deus, recusando-nos ouvir o homem que prega”. Com a pregação se destrói o homem velho, imagem de Adão, e se forma o homem novo imagem de Jesus Cristo: “Filhinhos meus, por quem de novo sinto dores de parto, até que Cristo seja formado em vós” (Gl 4,19).

“A Palavra de Deus é viva e eficaz” (Hb 4,12). Viva, porque sempre tem a capacidade de fazer agir; eficaz, porque sabe reduzir efetivamente em ato aquela capacidade e obtém que se aja realmente. A vitalidade e a eficácia da divina Palavra funda-se na graça: “Porei minha lei no seu espírito, gravá-la-ei em seu coração” (Jr 31,33). Deus pode enternecer este coração para escrever nele com suavidade e ao mesmo tempo com força: “Enviou sua palavra para os curar” (Sl 106,20).

Naturalmente se requer correspondência da parte dos fiéis. Vejamos o que aconteceu com a Samaritana. Pouco quis para conseguir a salvação, mas pouco bastava também para perdê-la. Aquela mulher se salvou e se tornou santa porque dirigiu-se casualmente ao poço onde Cristo sentava-se cansado, e aí interrogada por ele soube frear por um momento a vontade de tirar a água e para ouvi-Lo falar. Mas, tendo-o visto, não tivesse querido escutá-lo, pensando que já tinha outras coisas para fazer, que tinha sede, que já era tarde e havia urgência de voltar para casa para os afazeres domésticos... não teria talvez jamais encontrado uma oportunidade como esta.

De uma circunstância modesta pode talvez depender a nossa salvação. A ocasião é pega a laço, pelos cabelos. O assunto da salvação não é para ser tratado às pressas, quase por passatempo. É coisa gravíssima e fundamental, que deve estar na cúpula de nossos pensamentos.

ANUNCIAR COM CORAGEM A PALAVRA DE DEUS

A tropa dos pregadores evangélicos deve mover-se com alacridade, como fizeram S. Paulo e os outros Apóstolos. Eles souberam desde o início dizer aos Hebreus tudo quanto era necessário para convertê-los.

O bom pregador usa uma caridade forte, sem fraquezas. Não olha tanto o efeito das suas palavras, se estas são bem recebidas ou não, mas tem fixo o olhar na missão recebida de Deus e aos deveres a ela inerentes, abandonando-se a Deus no que diz respeito aos resultados. No momento sabe falar com energia, sem temor humano, aos pecadores e também aos irmãos enredados no espírito mundano, com a finalidade de sacudi-los, lembrando que “o amor é forte como a morte, a paixão é violenta como o cheol” (Ct 8,6). Ele se esforça também nisto em

imitar a conduta da divina Providência, que ameaça com o inferno para evitá-lo e flagela duramente a quem ama.

“Tomai, portanto, a armadura de Deus – exorta S. Paulo – para que possais resistir nos dias maus e manter-vos inabaláveis no cumprimento do vosso dever. Ficai alerta, à cintura cingidos com a verdade, o corpo vestido com a couraça da justiça, e os pés calçados de prontidão para anunciar o Evangelho da paz. Sobretudo, abraçai o escudo da fé, com que possais apagar todos os dardos inflamados do Maligno. Tomai, enfim, o capacete da salvação e a espada do Espírito, isto é, a Palavra de Deus. Intensificai as vossas invocações e súplicas. Orai em toda circunstância, pelo Espírito, no qual perseverai em intensa vigília de súplica por todos os cristãos. E orai também por mim, para que me seja dado anunciar corajosamente o Mistério do Evangelho, do qual eu sou embaixador, prisioneiro. E que eu saiba apregoá-lo publicamente, e com desassombro como é meu dever” (Ef 6, 13-20).

PREGAÇÃO (cont.)

Quando antes não se faz bem a oração, não se pode falar bem de Deus. É na oração que o pregador encontra o modo da sua pregação. Da divina contemplação de fato ele atinge aquela luz pela qual, enquanto atrai a veneração dos fiéis, está em grau de iluminar depois a mente de todos os ouvintes.

Ele procura antes de tudo, conforme o exemplo de S. Paulo, de elevar-se de certo modo ao Céu e de perceber no segredo do Paraíso aquelas palavras indizíveis que não é lícito a alguém pronunciar, para depois tirar daí os ensinamentos para distribuir sobre a terra a utilidade dos homens (cf. 2Cor 12, 1-3). Assim poderá conseguir um modo maravilhoso de pregação que lhe consentirá tornar claro os ensinamentos mais sublimes da S. Escritura, de revelar os segredos das virtudes mais elevadas e de desmascarar os vícios mais ocultos. Tudo com profunda convicção e profunda vivacidade de sentimento, de modo que tanto os sábios como os simples, os justos como os pecadores, tiram daí ensinamento e orientação para a própria vida.

Dever-se-á também ter sumo cuidado para que haja correspondência entre a pregação e a vida do próprio pregador. O que de verdadeiro e de bom o pregador anuncia com a palavra a maior força de credibilidade do seu comportamento pessoal. “Aquele que violar um destes mandamentos, por menor que seja, e ensinar assim aos homens, será declarado o menor no reino dos céus. Mas aquele que os guardar e os ensinar será declarado grande no reino dos céus” (Mt 5,19).

Requer-se ainda um forte empenho de perseverança, ou de crescer continuamente o dom da santidade e da doutrina. Só assim será possível conseguir, quase como exame de pregação, o fruto da renovação do espírito e da reforma de vida nos ouvintes.

TESTEMUNHOS DA VERDADE

A verdade está no mundo como a luz nas trevas (Jo 1,5). Vem como a luz, não como o relâmpago. O relâmpago passa através dos obstáculos; a luz para fora da janela, e não entra se não se abre. É preciso despertar do sono da negligência, levantar-se da cegueira da ignorância e realmente desposar a verdade com o anel da fé. Quem permanece privado da luz pode cair em todos os males, enquanto a verdade torna o homem maduro, estável e não volúvel.

É necessário que a verdade seja anunciada, e jamais calada, sem nenhum temor. Com esta finalidade a Providência suscita na Igreja ministros renovados e reformados por obra do Espírito Santo, que se apresentam com o caráter da firmeza e da constância. É preciso falar claro e patente, não de um modo que possa agradar aos bons e ao mesmo tempo não desagradar aos maus. “Se quisesse ainda agradar aos homens, não seria servo de Cristo” (Gl 1,10).

É com ministros como estes que o Espírito Santo opera constantemente a reforma da Igreja. Cheios de gratidão para com Deus que os iluminou, eles estão prontíssimos a servi-lo em grandes empreendimentos, desejosos de pregar não às bolsas mas às almas; não aos ouvidos

mas ao coração; não para serem louvados, mas para serem seguidos; não para atrair os ouvintes para si, mas para conduzi-los a Cristo. Estes verdadeiramente desposaram a verdade com a aliança da fé, e dela não se deixam nem mesmo por temor da morte.

NÃO COMERCIALIZAR A PALAVRA DE DEUS

Nós não somos, como tantos outros, falsificadores da Palavra de Deus. Mas é na sua integridade, tal como procede de Deus, que nós a pregamos em Cristo, sob os olhares de Deus (2Cor 2,17). Há efetivamente a tentação de procurar, no ministério da pregação, a própria vanglória. Foi tentado também Cristo! Mas Cristo nos ensinou a combater a tentação: “Guardai-vos de fazer vossas obras diante dos homens, para serdes vistos por eles. Do contrário, não tereis recompensa junto ao vosso Pai que está no céu” (Mt 6,1).

Aqueles que têm o dever de ajudar o próximo devem cuidar-se das tentações com cuidado particular, porque quanto mais altos e espirituais são os ministérios, tanto mais perigosa e grave é a queda. Ai daqueles que tiveram o encargo de falar bem de Deus se voltam para a própria vanglória aquilo que receberam para promover a glória de Deus, e se, aspirando a coisas mais altas, não sabem inclinar-se às humildes (cf. Rm 12,16). Lembrem-se do que Deus diz pela boca do profeta Oséias: “Eu lhe dava o trigo, o vinho e o óleo, e que lhe prodigalizava a prata e o ouro que era usado para Baal” (Os 2,10).

O remédio contra esta tentação encontra-se na guarda daquele segredo para todas as boas obras que nos é sugerida por Cristo: “Quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora ao teu Pai em segredo; e teu Pai que vê num lugar oculto, recompensar-te-á” (Mt 6,6). “Quando jejuares, perfuma tua cabeça e lava teu rosto, para que os outros não vejam que tu jejuas” (id, v. 17). Procuremos retificar as intenções. Mostrar-nos-emos verdadeiros filhos de Deus se tivermos os olhos da nossa intenção constantemente fixos nele.

PREGAÇÃO (cont.)

O BOM PREGADOR FORMA OUTROS MESTRES DA FÉ

O perfeito pregado é humilde em seguir o caminho dos Santos, erudito na ciência das Escrituras, dócil à luz de Deus na oração. Nada procura, nada espera, nada teme. E este é o efeito da atividade do bom pregador. Cultivados pela sua pregação, instruídos pela sua doutrina, surgem e crescem autênticos heróis na Igreja por ele irrigada com a Palavra e com o exemplo, quase como cedros em um viveiro. Antes, os seus discípulos mais perfeitos tornam-se logo a ser verdadeiros mestres.

O pregador é como o arquiteto que dá a planta e com centenas de braços depois edifica a casa. Deste modo o arquiteto sem usar as mãos, faz mais que qualquer operário. E, por outro lado, os ouvintes podem tornar-se verdadeiros mestres na perfeição da vida ativa e contemplativa.

Pode também acontecer que por algum defeito involuntário a pregação se torne um insucesso, ao ponto que os maus tomem a ocasião para perverter o sentido e para blasfemar a Deus. Mas nem por isto o bom pregador se abate. Desagradam-lhe não as próprias injúrias, mas as feitas a Deus. Reflete serenamente sobre tudo o que aconteceu e com humildade, sem presunção, volta-se ao Senhor das luzes. E o Senhor manifestará a ordem sempre admirável, porém oculta, da divina Providência que sabe orientar também o mal segundo seus fins.

A PREGAÇÃO DOS MISSIONÁRIOS APOSTÓLICOS

Exerçam o ministério da Palavra em todas as suas formas, pregando ou instruindo o povo com catecismos sejam públicos ou privados; mantendo piedosos colóquios e santas conversações, corrigindo fraternalmente os vícios e exortando ao exercício das virtudes como também à frequência dos sacramentos; orientando e excitando à aquisição da perfeição, dando Exercícios Espirituais, promovendo pias associações, atendendo ao cuidado espiritual dos enfermos e especialmente dos moribundos.

Ao dar as Missões ao povo atenham-se em estreita dependência aos Ordinários dos lugares, observando sempre as disposições sobre as circunstâncias do exercício daquele ministério.

É obrigação dos confrades não só ensinar a verdade necessária ou útil de se saber para conseguir a vida eterna, com pregações, exercícios, lições, mas também explicar os primeiros elementos da fé e da moral, especialmente às crianças e às pessoas ignorantes, nos oratórios e nos catecismos, sejam públicos ou privados. Também isto é coisa sumamente útil à Igreja, e por isso lhes esteja sumamente ao coração.

A formação cristã dos jovens seja promovida a todo vapor, com os oratórios, com as catequeses e também com instruções particulares. Onde isto for possível, é conveniente também instruir os jovens nas letras. Mas embora os jovens sejam aceitos em nossas escolas

para serem instruídos nas várias disciplinas, principalmente, porém nesta educação há de se procurar e formar a pureza dos costumes. Deve-se sobretudo cuidar que sejam bem instruídos na Doutrina cristã, mantendo aulas uma vez por semana. Do mesmo modo cada semana faça-se a eles alguma piedosa exortação, que os leve a progredir na virtude. Também no curso das aulas, quando surgir uma ocasião, procurem os professores levar seus alunos ao obséquio e ao amor de Deus e das virtudes.

PE. GASPAR E O CATECISMO PARA ADULTOS

Uma das coisas nas quais Pe. Gaspar se aplicou com maior vantagem às almas foi a catequese, ou Doutrina Cristã, sobretudo na forma chamada de Quarta Classe. Tratava-se de uma instrução mantida nas diversas paróquias da cidade no domingo à tarde durante o período do verão. Dada a hora bastante incômoda e o grande calor, requeria-se do catequista uma particular destreza e capacidade, justamente com uma boa dose de espírito de sacrifício.

Este ministério estava sumamente a peito a Pe. Gaspar, e se ele, por causa de suas enfermidades e outros empenhos que tinha, pôde exercitá-lo pessoalmente só poucas vezes, todavia queria que com muito empenho fosse desenvolvido pelos seus. Em certas ocasiões, havia bem sete sacerdotes dos Estigmas distribuídos nas várias Igrejas para a Quarta Classe. Pe. Gaspar procurou que para esta catequese todos seus filhos se preparassem com grande diligência e se saíssem claros, populares, agradáveis e frutuoso.

Parece que Deus quis mostrar-lhe a complacência que tinha pelo cuidado deste ministério, dispondo que sua breve agonia e a morte tivesse lugar num domingo, e justo na hora em que quase todos seus sacerdotes deviam sair justamente para a catequese da Quarta Classe. Pe. Gaspar partia para o Paraíso, e os seus para ir evangelizar o Reino de Deus.

A ESPERA DE CRISTO

CRISTO VEM: REANIMEMOS A ESPERA

Cristo vem. O Salvador está para nascer. A Igreja nestes dias o espera, o deseja, o suspira.

Que quer dizer estarmos aqui todos frios em nossos afetos, passarmos por estes dias de Advento assim alegre e de espera tão doce em uma preguiçosa indiferença, pouco solícitos em unir-nos no espírito com a Santa Igreja, nos accontentemos mais ou menos em concordarmo-nos com ela exteriormente, com uma superficial e lânguida celebração ritual?

Infelizmente a afeição às coisas terrenas mantém impedido o nosso ânimo, os prazeres dos sentidos arrebataram o nosso coração, reduzindo-o a uma deplorável escravidão. Acreditamos sim nas coisas celestes, mas não as amamos. As professamos exteriormente, mas não as apreciamos intimamente. Que maravilha, então, se não as desejamos, se elas não mais nos interessam tanto?

Oh, Deus! É bem o momento para quebrarmos este gelo, que elevemos o nosso espírito, aceitando o convite do profeta para sentir a alegria que nos vem de Deus: “Jerusalém, volta o teu olhar para o Oriente, vê a alegria que te vem de Deus” (Br 4,36). Este é o objetivo ao qual todos deveríamos aplicar a atenção de nosso ânimo.

Alguns certamente já experimentam por experiência quanto é belo e alegre esperar a vinda do Salvador, tendo o coração afervorado pelo amor divino. Mas eu que sou frio, e outros como eu, temos necessidade de que esses rezem: a fim de que consigamos persuadir-nos bem que mesmo os mais miseráveis pecadores podem participar juntamente com os justos e com os santos desta espera de alegria tão pura e sublime.

OS PRODÍGIOS DO AMOR DE DEUS

Advirtamos bem uma coisa. Como nós estamos acostumados amar só aquelas coisas nas quais nós descobrimos alguma aparência de belo e de bom, assim vendo em nós mesmos só a malícia e feiúra nos parece quase impossível que Deus possa nos amar, e nos parece um exagero que o Verbo de Deus desça, como amante apaixonado de nossas almas, com os convites mais ternos e afetuosos, para chamá-las às suas castas e espirituais núpcias.

Mas toda dificuldade desaparece quando se pensa na diferença que há entre o nosso amor e o amor de Deus. O nosso amor é causado pelo bem que encontra no objeto amado. Por isso nós não amamos senão o bem que existe em uma pessoa. O amor de Deus ao contrário não é causado pelo bem que possa haver em nós, mas Ele ao contrário o causa em nós. E por isso Deus ama também as coisas que não existem, para que elas venham a existir; ama as almas deformadas pela culpa para adorná-las e reformá-las com sua graça.

Olhemos os fatos que são um argumento inconfundível. Quem foram aqueles grandes santos que receberam as primícias do Espírito nos primeiros tempos da Igreja nascente? Quem eram aqueles mártires invictos, aqueles confessores tão ilustres, aqueles primeiros cristãos tão

fervorosos? Eram pagãos, escravos do poder das trevas. Adoravam as pedras, os metais, a madeira: sua vida e seus costumes eram cheios de confusões. E S. Paulo dizia deles: “Éreis trevas pelos vícios e superstições, mas agora sois luz do Senhor”.

Como passaram eles dos abismos tão escuros do pecado aos cimos tão luminosos da santidade? O Verbo de Deus veio tornar-se homem para que o mundo pagão tão cego e imerso nos vícios se tornasse uma bela esposa, adornada de virtudes e imaculada. Foi-lhes anunciada e apareceu-lhes a graça e a benignidade do Cristo nosso Salvador. E eis uma mudança prodigiosa, digna da direita do Altíssimo.

Quem de nós ao ouvir isto não recuperará a suma esperança de poder subir, com a graça do Salvador, até mesmo mais alto de quanto eventualmente possa ter caído com suas culpas, como aparece de fato daqueles primeiros cristãos. “Onde abundou o pecado aí superabundou a graça”.

COMO DISPOR-SE PARA RECEBER O SALVADOR

Eis já se aproxima o tempo favorável, eis já próximos os dias da salvação (cf. 2Cor 6,2). Uma doce e alegre esperança já nasceu em nossos corações e alegres afetos de exultação, de amor, de desejo já comovem nossos ânimos. A gora, depois de haver refletido sobre o propósito por nós formulados de “esperar a alegre chegada do Salvador”, chegou o momento de refletir sobre o modo de atuar aquele propósito.

Quem com o desejo corre ao encontro de Cristo, quando Ele se aproxima deve unir aos bons desejos o esforço, antes, o ato eficaz de abandonar e deixar totalmente a tortuosidade dos seus costumes e a altura soberba dos pensamentos mundanos. Além disso diante de Cristo deve-se confundir pela vida passada e envergonhar-se dos próprios pecados, confessando-os com humilde arrependimento.

O Senhor nosso Jesus Cristo nos dá a graça de fazer isto perfeitamente no tempo do Advento: a fim de que, introduzidas nossas almas em sua casa, e dignando-se Ele de uni-las a si pela graça nesta vida e pela glória na outra, possamos aqui na terra e lá em cima no céu congratularmos juntos da nossa felicidade e juntos louvar sua misericórdia.

A ESPERA DE CRISTO E A NOSSA POBREZA

Podemos pensar à primeira vista que só os santos e os justos estão em grau de esperar verdadeiramente com alegria a vinda de Cristo, não os pecadores, que têm em si muita deformidade e dessemelhança.

Mas não é assim. Ao contrário se pode dizer em certo sentido que os pecadores estão em situação de aproveitar ainda mais que os próprios justos. De fato, o Filho de Deus veio do céu para “salvar o que estava perdido” (Mt 18,11). Ele mesmo diz: “Eu vim chamar não os justos, mas os pecadores” (Mt 9,13). O nome que se impôs tornando-se homem – nome anunciado pelo ministério do Anjo e solenemente explicado – é Jesus, isto é, Salvador, aquele que livra seu povo dos pecados (Mt 1,21).

A nós pecadores, oprimidos pela miséria das nossas culpas e presos vergonhosamente na escravidão dos nossos vícios, é dirigida e anunciada a visita do Rei dos Céus, que nos quer livrar com sua graça e enriquecer com seus preciosos dons. Devemos portanto sentir com maior prazer a aproximação daquele dia tão bem-aventurado, feliz e faustoso para nós acima de toda humana imaginação. Aquela nossa miséria que antes tanto nos confundia e nos fazia quase desesperar, agora a vemos tornar motivo de ricas esperanças. E todos aqueles a quem era conhecida a nossa antiga miséria, todos admirarão a sabedoria e o poder de Deus que sabe chamar as coisas que não são como as que são (cf. Rm 4,17) e elege as mais abjetas e desprezíveis do mundo para confundir as mais fortes (cf 1Cor 1,27).

COMEÇO DO ANO

Na sua carta você me augura mil bênçãos para este ano, não excluindo as cruces. Eu o agradeço por tanta benevolência, sumamente espiritual.

Com efeito, que melhor bem poderia desejar a seus amigos, senão as cruces? Certamente a mim não podia dar um prazer maior. Não que eu tenha a força de carregá-las, mas o Senhor me dá a graça de apreciá-las. E espero das suas orações e da divina misericórdia juntamente com o padecer, também a paciência. Agora, vendo-as a seu tempo aparecer desde os primeiros dias do ano, acolho-as de boa vontade e digo: eis as cruces que me foram anunciadas pelo meu Pe. Luiz. Seja bendito o Senhor.

Enquanto ainda rendo graças pelos felizes augúrios para o próximo ano, peço que o Senhor o retribua com todas as bênçãos que você possa desejar. No entanto alegro-me com o grandíssimo dom que o Senhor lhe fez de dar graças nas tribulações, porque “a paciência faz obras perfeitas” (Tg 1,4), e o espírito agradecido mesmo nos males atrai sobre o homem grandes bens, não havendo coisa que mais honre a Deus.

*Com os votos de um Santo Natal
E Feliz Ano “Bertoniano”!*

O IDEAL CRISTÃO

VOCAÇÃO À SANTIDADE

Deus nos deu o ser e a vida com sua mão criadora, nos introduziu neste mundo com esta finalidade: conhecer, amar, louvar, servir o Autor de todo bem, e promover sua glória sobre esta terra para merecer assim uma perfeita felicidade no Céu.

Resgatados pelo sangue do Filho de Deus, adotados como filhos do Rei do Céu, feitos participantes da natureza divina pelo dom da graça, não mais somos de nós mesmos mas de Deus, para só a Ele servir. Não somos mais devedores da carne e do sangue para comprazer seus desejos perversos, mas do espírito para deixar-nos guiar docilmente pelos seus impulsos e pelos seus ditames. Não somos mais terrenos para servir o mundo, mas celestes para agir e viver como santos.

Quantos cristãos ao convite de achegarem-se mais perto de Deus – isto é, servir-Lhe no seu estado de maior perfeição – se afastam amedrontados. Olham a vida espiritual como objeto de tristeza e angústia. Assim mostram claro com sua própria experiência a quantos erros se encontra exposto quem quer julgar as coisas do espírito com olhos simplesmente terrenos. É um enorme engano. Por muitos não se considera a consolação interior de que estão repletos os verdadeiros servos de Deus, tanto mais doce quanto mais secreta. Este é “aquele maná escondido que ninguém conhece senão quem o recebe” (Ap 2,17). Este é aquele “perpétuo convite” (Pr 15,15 Vg) que goza uma alma na segurança e na paz do coração. Esta é aquela conversação tão doce com a Sabedoria increada da qual está excluído todo tédio, todo amargor (cf. Sb 3,16). Quanto é grande, Senhor, a abundância da vossa doçura que reservastes para aqueles que Vos amam, para quem Vos serve! (cf Sl 30,20).

O tempo é breve, a aparência deste mundo logo acaba. Esperamos talvez que a noite nos surpreenda para começar a agir? Esperamos que chegue o Esposo para reabastecer de óleo nossas lâmpadas? Esperamos que nos chame para as núpcias para tecer então o tecido da veste nupcial?

“Eis que venho em breve e minha recompensa está comigo” (Ap 22,12). Feliz a alma que já estiver bem adornada e disposta para recebê-Lo. Vem, ela ouvirá, vem minha esposa, recebe a coroa que o teu Senhor te preparou desde a eternidade. “Servo bom e fiel: porque foste fiel no pouco, eu te confiarei muito, entra no gozo do teu Senhor” (Mt 25,23).

A SANTIDADE É PARA TODOS

Deus chama todos para servi-Lo; antes, todos podem e a todos convém, aspirar a santificação do seu estado de vida. De modo diferente deve ser vivido o esforço espiritual de um religioso no claustro e de um leigo no coração do mundo. De modo diferente de um sacerdote no exercício do ministério e de um pai de família no governo de sua casa.

Diversamente também de uma virgem que se consagra a Deus, e de uma esposa que se une a um homem.

A devoção tem igualmente asas para voar no céu e pés para caminhar sobre a terra. E enquanto tem as mãos continuamente em movimento para trabalhar, sabe também repousar tranqüilamente com seu coração em Deus. Tem olhos para velar, para presidir, para dirigir-se nos negócios temporais; e tem também um outro olhar mais agudo na sua mente com que jamais perde de vista o fim último da vida, para aconselhar-se com Deus em toda sua ação e para dirigir tudo para Sua glória. Tem língua para falar com os homens, e também no âmago do seu espírito abre todas suas potências interiores para jamais cessar de louvar e bendizer seu Deus. Assim trata com o mundo. Ao invés atraindo a si o seu Deus por amor, o encontra em si, o possui na abundância da paz, e goza ainda na terra um outro Paraíso.

Daqui aquela doçura admirável, com que esparge todas suas ações. Daqui a uniformidade inalterável do seu espírito. O mundo não descobre nela nada fora de comum, nada que a distinga no comportamento, na atividade, no desenvolvimento dos seus deveres convenientes com sua condição. E por isso se espanta de ser obrigado a amar nela um não sei que de singular e de divino que não conhece. Na prosperidade não se exalta; na adversidade não se entrega à tristeza. Goza da felicidade alheia como da própria. Desapegada de toda preferência pessoal, tem uma discreta condescendência pelos gostos dos outros, com quanto sejam honestos. Comunica de boa mente suas consolações a quem se encontra em aflição de espírito. Liberal com os amigos, generosa com todos, sem pretensões, espera a recompensa só de Deus, ao qual somente se compraz em servir.

DEUS É FIEL: O QUE ELE PROMETE ELE FAZ

“Fiel é Deus, por quem fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor” (1Cor 1,9). Que coisa grandiosa diz aqui S. Paulo, que dom imenso anuncia! Somos chamados à comunhão de vida com o Unigênito de Deus. E como? Pelo Pai. Chamados por Ele, não entrados por nossa iniciativa.

E uma vez que anunciou uma coisa grandiosa, acrescenta também uma prova segura, que não admite contradições. Diz de fato: “Deus é fiel”, isto é, verídico: aquilo que Ele prometeu o faz. Prometeu colocar-nos em comunhão com seu Filho Unigênito, porque justamente por isso nos chamou. Os seus dons, portanto também a vocação que nos deu, são sem arrependimento. Aquilo que Deus nos prometeu imediatamente nos é dado, a menos que nós o recusemos.

Ainda que nos tivesse chamado para coisas duras e difíceis, seria imperdoável recuarmos. Mas nos chega à santidade, à libertação, à graça, a bens preparados para nós que jamais olhos viram nem ouvidos ouviram. E é Deus mesmo que nos chama. Que desculpa podem apresentar aqueles que não vão ao encontro?

Deus jamais tira, se não por nossa culpa, o auxílio que começou a nos dar e que prometeu continuar, enquanto nós perseverarmos e nos reforçarmos na fé e na comunhão com Cristo. Ele não nos abandona jamais, a menos que não seja abandonado por nós.

O IDEAL CRISTÃO (cont.)

ASPIRAR CARISMAS MAIORES

Os maiores dons de graça convêm de modo particular à vocação dos ministros da Igreja: aos quais Deus está pronto a dar de sua parte, se eles não colocarem obstáculos, a abundância, as primícias, e os mais férteis daqueles dons, que depois mediante seu ministério ele esparge e difunde no seu povo, como foi dito: “Cumularei os sacerdotes de abundantes vítimas gordas, e meu povo fartar-se-á de meus bens” (Jr 31,14). Antes, acima de tudo aqueles dons convêm particularmente à vocação daqueles sacerdotes que com novo espírito são chamados pelo Espírito Santo, renovador e restaurador de todas as coisas, para renovar e restaurar a sua Igreja sobre indefectível retidão da primeira Pedra.

Mas não é inconveniente a nenhum cristão, chamado certamente a gozar a visão beatífica de Deus no paraíso, o aspirar humildemente e sem presunção mesmo nesta vida os melhores e essenciais dons de graça e de caridade, conforme o convite das Escrituras: “aspirai dons superiores” (1Cor 12,31).

Eis como Deus eleva muito alto as almas que ele escolheu para colocá-las em uma sublime comunhão consigo. Se bem que às vezes faça isto quase num salto, como em S. Paulo, porém mais comumente o faz gradualmente. Pouquíssimos são os que compreendem o que Deus faria deles, se por eles não fosse impedido no seu desígnio.

Não podemos pensar o que Deus faria de nós, e quanto agiria em nós e por nosso intermédio, se não obstaculássemos sua graça, mas nos colocássemos livres e totalmente em suas mãos.

SANTIDADE E CARIDADE

“Portanto, quer comais quer bebais ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus” (1Cor 10,31). O amor para com Deus e a procura de sua glória é que dá o verdadeiro sentido à vida do cristão. No “Sancta sanctorum” do templo de Jerusalém todo objeto era de ouro, ou revestido de ouro. Assim toda obra do cristão deve ser amor, ou feita por amor.

Não olhar tanto o resultado das nossas obras, quanto a vontade de Deus, procurar uma grande paz, mesmo se o resultado ou toda a obra não corresponda totalmente às nossas esperanças. Deus não nos pedirá conta dos resultados obtidos nem da consistência das nossas obras, mas se fizermos tudo o que podíamos, conforme os talentos recebidos. O Senhor não olhará o “quanto”, mas o “como”. Ele aplica tudo ao critério com que avaliou o óbolo da viúva, que “da sua indigência pôs tudo o que tinha” (Mc 12,44).

“Sede pois imitadores de Deus, como filhos muito amados, progredi na caridade, segundo o exemplo de Cristo que nos amou e por nós se entregou” (Ef 5,1). “É um pouco suspeito aquele amor que procura apoio na esperança de obter alguma outra coisa além de si mesmo. É fraco o amor que, diminuindo a esperança de qualquer outra coisa, se atenua ou logo se extingue. É impuro o amor que, além do seu próprio objeto, deseja algum outro. O amor puro não é mercenário: é gratuito como o da esposa. Contenta-se consigo mesmo; não procura

outro prêmio fora do próprio objeto que ama. Isto basta, isto agrada e por si mesmo. Fruto do amor é o próprio amor: amo porque amo, amo por amor”.

PERFEIÇÃO E SIMPLICIDADE

A santidade consiste não tanto em fazer coisas extraordinárias, mas muito mais fazer bem as coisas devidas e ordinárias.

Fico muitíssimo satisfeito ao sentir a paz em seu coração, ninho do Espírito Santo, e ao sentir também de longe aquele bom odor de Cristo com que ele se faz presente na sua alma mediante a graça da Sua caridade e devoção. Isto me alegra muito mais já que você não me referiu os maiores empreendimentos do mundo.

Lembre-se sempre daquele dito, que é tudo para nós: “buraquinho e toquinha”. E você deve ser muito agradecido ao Senhor que parecendo aos olhos dos homens havê-lo tirado fora, na realidade o deixa no seu “buraquinho e toquinha”. Na verdade isto é o que nos diz o Cristo nosso Senhor: “Em verdade vos declaro, se não vos transformardes e vos tornardes como criancinhas, não entrareis no reino dos céus” (Mt 18,3). E já que o Senhor lhe deu a graça, maior que qualquer outro tesouro, de reduzir-vos a esta pequenez, humildade, simplicidade de criança, procure permanecer sempre nesta beatitude: “Bem-aventurados os que têm um coração de pobre, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra!” (de uma carta ao Pe. Bragato).

DESEJO DA PERFEIÇÃO

“Porque, verdadeiramente, desde o começo, seu desejo é instruir” (Sb 6,17). O caminho da perfeição deve partir do coração, não é coisa que se possa aprender à força. Se um não a quer, não serão suficientes todas as diligências nem os meios postos em ação por outros para realizá-la. À irmã que lhe perguntava o que deveria fazer para conseguir a perfeição, S. Tomás de Aquino respondeu simplesmente: Se você quiser. Se você quiser, se salvará; se quiser, fará progresso; se quiser será perfeita. Quando tem grande desejo do seu aproveitamento, de crescer na virtude e na perfeição, Deus terá tanto prazer que o enriquecerá e o acumulará de todo dom da graça. “A quem tem sede eu darei gratuitamente a beber da fonte da água viva” (Ap 21,6).

Mas existem aqueles que por palavras têm bons propósitos e desejos, mas não se esforçam para colocá-los em ação, nem se empenham em lutar seriamente. Em tal caso não se trata de verdadeiros desejos nem de autênticos propósitos, mas sim de veleidades: pelo que “se quereria”, mas não se quer realmente. Os que têm semelhante veleidade podem ser comparados com soldados pintados: estão sempre com a espada sobre o inimigo, mas jamais desferem o golpe.

São necessários propósitos eficazes. “Homem, te foi ensinado o que é bom e o que exige de ti o Senhor: praticar a justiça, amar a piedade, caminhar humildemente com teu Deus” (Mi 6,8).

O IDEAL CRISTÃO (cont.)

A SANTIDADE EMPENHO PRIORITÁRIO

A perfeição é o nosso único fim. No dia do juízo nos será perguntado o que fizemos, não o que lemos ou escrevemos, mas o que fizemos; nem quanto falamos, mas quanto vivemos santamente. “Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo” (Mt 6,33).

Tenhamos firme este princípio: que os empenhos espirituais que dizem respeito ao progresso na santidade, ocupem sempre o primeiro lugar, e por nenhum motivo sejam descuidados. Porquanto sejam múltiplas e relevantes as ocupações inerentes ao próprio ofício, ou mesmo impostas pela obediência, jamais é conforme à vontade de Deus que se descuidem dos empenhos espirituais. Não é a obediência à vontade de Deus que coloca impedimentos a esta fidelidade, mas a negligência ou a pouca afeição que muitas vezes nos afasta do interesse das coisas do espírito.

Nunca se pode, para não prejudicar uma obra, ofender qualquer virtude. Muitos assim se enganam: e a experiência mostra que a coisa se prejudica, e às vezes também com total destruição. Porém quando se cuida da virtude, Deus intervém com sua proteção, e a obra se afirma ou definitivamente se desenvolve.

Em particular, procuremos ser muito fiéis em dar a Deus o tempo que destinamos para a oração. E se alguma vez não foi possível, por alguma urgência surgida, fazer a oração na sua hora, é justo ficar com um certo apetite e desejo de suprir e de preencher a lacuna o mais depressa possível. Como quando se é obrigado a privar-se do alimento ou do sono por alguma ocupação imprevista, se procura suprir por todos os meios, e se acha o tempo necessário. Assim é a vontade de Deus que façamos com a oração.

A SANTIDADE: EMPENHO GLOBAL

“Mas faça-se tudo com dignidade e ordem” (1Cor 14,10). Notemos a palavra: TUDO. Nós devemos cumprir todos os nossos deveres relativos à aquisição da perfeição. Não alguns sim, a maior parte não; não a maior parte sim, a menor parte não; não os menores, negligenciando os mais importantes, nem os mais importantes negligenciando os menores. Antes, fazer contas das coisas pequenas!

Quem é fiel no pouco será também fiel no muito. E ao invés “quem despreza o pouco logo cairá” (Eclo 19,1). Uma gota contínua escava uma pedra, e uma centelha produz um incêndio. “Quem teme a Deus nada descuida” (Ecl 7,18 Vg). Estas verdades o próprio Deus as ensinou. Não basta ouvi-las: é necessário colocá-las em prática.

Não basta ouvir a palavra divina, e com prazer, colocando em prática somente alguma coisa. Também Herodes ouvia o Batista, e com prazer, e punha em prática alguns dos seus ensinamentos. Porém não o que se referia à sua paixão predominante.

Ai! Se se começa desde jovem a viver descuidado. Pouco a pouco se perde o primitivo fervor, cai-se em langor de espírito, na tibieza, no relaxamento. Por outro lado, é verdade, que justamente vendo o fervor dos jovens toda a Igreja, em particular os que já estão adiantados no caminho da perfeição, sentem-se levados ao fervor da oração e a cultivar mais ainda a união com Deus.

Inspiração de assim combater os pequenos defeitos como também os maiores, e de ascender na virtude com toda diligência, porque se encurta o tempo em que sempre mais posso servir a Deus, promover sua glória e santificar a mim mesmo.

PROGREDIR SEMPRE

De Jesus se disse que “crescia em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52). “Ora aquele que afirma permanecer Nele deve também viver como ele viveu” (1Jo 2,6). Mas se enquanto ele avança e eu paro, não chegarei jamais a Cristo, aliás, me afastarei.

Nos caminhos do Senhor não avançar quer dizer retroceder. Aqui se encontra como no meio de um rio impetuoso: se se para e não se esforça para vencer a correnteza, corre-se o perigo de ser arrastado para baixo. Se não se quer recuar, é necessário se forçar para avançar.

Concretamente, é bom enfrentar o caminho da perfeição não tanto em termos gerais, quanto nos particulares e pouco a pouco, lutando para vencer a paixão dominante ou para conquistar a virtude que mais nos falta. Como na escola o aluno não é admitido aos cursos superiores se antes não superou os inferiores, assim não se pode esperar do Senhor os dons da graça mais elevados se não se correspondeu antes às primeiras inspirações.

Assim também na luta contra o pecado e o vício: “Quem despreza o pouco cairá depressa” (Eclo 19,1). As grandes quedas começam do pouco. “Ouso afirmar uma coisa surpreendente – diz S. Crisóstomo – parece-me talvez que se deva por maior atenção em evitar os pecados aparentemente pequenos e sem importância antes dos graves, pela razão de que os graves nos assustam por si mesmos, enquanto os pequenos arriscam nos deixar indiferentes e preguiçosos, com o perigo de que assim se chegue pelo caminho da negligência à ruína espiritual.



Uma feliz e santa Páscoa!

*“De Cristo ressuscitado impassível convém copiar uma feliz
insensibilidade a todos os acidentes da vida humana,
uma tranqüilidade de espírito inalterável, uma admirável paz do coração”.*

(S. Gaspar Bertoni)

A TENTAÇÃO

COMO ACONTECE A TENTAÇÃO

Deus permite, e o faz sempre com a finalidade do bem, que sejamos tentados pelo espírito mau, isto é, pelo nosso amor próprio, carnal, ou mundano, e pelo demônio.

Seja sempre presente que de modo geral o espírito maligno do demônio procura aliar-se com o espírito humano e carnal que existe em nós, isto é, com o amor desordenado dos prazeres, com o atrativo mundano pelas coisas e pelas honras, com a soberba. E se na alma humana que quer tentar, encontra um ponto de apoio, move uma guerra interna assaz perigosa. Se pois, não encontra no interior um ponto de apoio suficiente – enquanto a alma procura constantemente purificar-se, colaborando com a obra da graça – então o maligno procura no exterior seus cúmplices; e os procura de preferência naquelas pessoas que estão mais próximas da alma a ser tentada, muitas vezes até naquelas pessoas às quais a alma está ligada por particulares vínculos de amizade, de confiança e talvez de obediência.

Pode suceder também, por exemplo, que para dissuadir um jovem do seu propósito de consagrar-se inteiramente a Deus, o maligno se sirva de algum sacerdote, pouco fervoroso ou mundano, ao qual o jovem se aproxima com simplicidade para receber conselho e orientação.

Senhor, nestas provas vós tendes uma finalidade, o demônio tem outra oposta. Vós tendes a intenção de purificar-nos dos nossos defeitos e de fazer-nos corresponder melhor à nossa vocação. O demônio tem a intenção, ao contrário, de fazer-nos cair na infidelidade e de colocar-nos em contraste com a vossa chamada. Fazei, Senhor, que nós possamos conhecer tão bem os desígnios da vossa amorosa Providência, e consigamos ao mesmo tempo desvendar as tramas do adversário, e obter que mesmo através destas provas o nosso espírito estreite a fidelidade a vós e o empenho de corresponder melhor à vocação que nos foi proposta.

DEUS SABE TIRAR VANTAGENS DA TENTAÇÃO

A divina Providência, que ordena tudo para o nosso bem, se permite ao demônio tentar, limita também a carga da tentação, não permitindo que sejamos tentados além das nossas forças (cf 1Cor 10,13). E, além de fornecer os auxílios interiores, dispõe também as defesas externas a fim de que cooperando com a graça cheguemos a triunfar. Pois existe o materno cuidado vigilante da Igreja, Esposa de Cristos: que o Senhor enche de zelo para guardar seus filhos, e de luz para guiá-los na luta. Aliás, Deus, com sua amorosa Providência e com o cuidado maternal da Igreja, graças também à nossa cooperação, sabe tirar a experiência das tentações para o êxito feliz: “da tentação sabe tirar vantagem” (1Cor 10,13).

Uma primeira vantagem da tentação é a firmeza na virtude, a conquista da maior firmeza no bem, o empenho e o esforço para um estilho de vida mais perfeito e verdadeiramente puro, tudo sustentado por um robusto exercício de mortificação.

Uma outra vantagem deriva da experiência da tentação, e é a ciência da discricção. A alma adquire esta ciência já durante a mesma tentação, tomando consciência da própria força, e determinando o nível da virtude conseguido com o examiná-lo com uma pedra de toque. “Que não tem experiência pouca coisa sabe” (Eclo 34,10).

Há ainda uma terceira vantagem derivada da tentação, e é a plenitude de consolações com a qual Deus acompanha a vitória da alma fiel, juntamente com o fruto do bom exemplo que é oferecido aos outros. Deus, pois, compensa abundantemente a fadiga sustentada na tentação concedendo também um particular dom de humildade e de fervor espiritual.

PREPARAR-SE PARA A TENTAÇÃO

Aqueles que na vida procuram sinceramente a Deus devem saber que sua conduta é uma contínua provocação pela malícia do Leviatã (cf. Jó 3,8).

De fato aqueles que com o pecado se sujeitaram à vontade do Maligno são por ele possuídos como por um direito pacífico, e seu soberbo soberano domina seus corações com poder incontestável, em tranqüila segurança. Mas quando o espírito se inflama do desejo de Deus, quando abandona o torpor da sua negligência e, lembrado da primitiva liberdade, se rebela da escravidão do inimigo, esse mesmo inimigo sente-se desprezado e não pode tolerar que o seu escravo se revolte contra ele. Excita-se então de raiva e se prepara para a luta, movimenta tentações de todo gênero contra o rebelde e tenta com todas suas armas ofensivas transpassar aquele coração que há muito tempo sentia possuir por direito pacífico.

Assim o Leviatã, que parecia quase dormir quando repousava tranqüilo no coração do pecador, é agora despertado pela provocação ao combate, tendo perdido o direito pacífico da sua perversa dominação. “Filho – adverte a Escritura – se entrares para o serviço de Deus, prepara-te para a provação” (Eclo 2,1). Assim, libertado, deve estar disposto a sofrer duros golpes na luta aquele que tranqüilamente servia como escravo na prisão debaixo do tirano.

SUGESTÕES PRÁTICAS

“Foge do pecado com se foge de uma serpente” (Eclo 21,2). Se você tivesse tido coragem de resistir, a esta hora estariam terminadas as tentações.

As tentações voltam quando cedemos a ela pela primeira vez, porque Deus quer nos dar ocasião de arrecadar aquele fruto que perdemos antes.

É preciso preparar-se para tentações maiores, seja para reparar os defeitos cometidos, seja para chegar lá onde Deus nos quer.

Quem não segue a inspiração com que Deus nos previne para fugir e precavermo-nos contra qualquer perigo, merece cair nele.

Grandes tentações soa matéria e meio para grande santidade: se houver coragem e fortaleza.

Talvez existam também certas tentações que se afastam através da dissimulação, antes de serem consentidas. Por exemplo, se uma pessoa boa e fervorosa, tentada de deixar o próprio Instituto religioso para entrar em outro mais austero, dê-se a licença para ir.

A PENITÊNCIA SACRAMENTAL

A CONFISSÃO: DOM DIVINO

Deus, ansioso para perdoar nossos pecados e restabelecer-nos na sua graça, nos chama e nos convida ao sacramento da reconciliação. Mas sucede às vezes que o pensamento de aproximar-se da Confissão desperte em nosso coração um certo sentimento de medo e temor. O próprio demônio amplifica e exagera falsas apreensões; e aquele que pouco antes havia tirado do meio todo pudor para induzir mais facilmente ao pecado, agora duplica o sentimento de confusão e de vergonha para impedir-nos de confessar nossas culpas.

Ora, Deus nos assegura – quando nos decidimos depor com sinceridade e verdadeiro arrependimento as próprias culpas aos pés de um seu ministro – tirar de nós toda confusão, antes, transformá-las em autêntica glória. Não se pode de fato negar, senão renegando ao mesmo tempo a fé, que aqui Deus nos perdoa amplamente e cancela totalmente da alma toda mancha de culpa por mais grave que ela seja – verdadeira e única razão de vergonha – fazendo reflorir nela a vida espiritual, que tinha sido apagada pelo áspero gelo do pecado.

Na confissão a alma é lavada, purificada, novamente adornada com um raio daquela puríssima luz que o verbo de Deus nela infunde. Reveste-a com o hábito precioso da graça, coloca-lhe sobre a cabeça uma esplêndida coroa entrelaçada de gemas de todas as virtudes, coloca-lhe no dedo o anel de ouro da caridade; de modo que ela recupere os nobres dons e os ricos tesouros de merecimentos que possuía antes do pecado. Aliás, pode acontecer que essa, ressuscitando, adquira ainda um grau de graça maior do que aquele que tinha antes de cair no pecado.

Porque temer, pois, sofrer confusão e vergonha onde nos espera ao contrário a verdadeira honra e uma glória inestimável?

ARREPENDIMENTO E PROPÓSITO

Sabemos bem que o demônio e o pecado estão em cima de nós com mil temores, nos ameaçam, nos apertam de todo lado. Eles querem nos dar a entender que não é possível fugir de suas mãos, que as correntes dos maus hábitos são sempre mais fortes, que existem dificuldades intransponíveis para viver na graça de Deus.

Mas sabemos também que o Senhor mesmo, no sacramento, vem nos libertar das mãos dos nossos inimigos, que ele mesmo combate por nós contra eles, e ele mesmo fica como avalista da nossa recuperada glória e liberdade.

De nós se requer somente um “quero” que cada um diga com toda a eficácia do coração; e nós estamos livres, porque acorrem em nosso auxílio a própria onipotência de Deus. Resolvamos, pois, determinemos, proponhamos. Já o glorioso triunfador, Jesus Cristo, ressuscitou depois de ter vencido com sua morte o pecado e o demônio. Aumentemos a glória de seu triunfo fazendo que ele vença o pecado e o demônio também em cada um de nós. Digamos em nosso coração: maldito pecado, eu o detesto! Maldito demônio, eu o renuncio!

Malditas cadeias, odiosos cepos, eu quero rompê-los para sempre, e a vós meu Jesus, meu Deus, eu me rendo, me entrego, me abandono.

O FRUTO SUAVÍSSIMO DA PENITÊNCIA

A reconciliação com Deus é um complexo de todos os maiores e mais desejáveis bens.

Ela comporta, antes de tudo, a remissão dos pecados, ou melhor, de todos os pecados. Não existe delito, por enorme que seja na malícia e multiplicado em número, que a Penitência não possa cancelar; e não uma só vez, mas sempre e infinitas vezes. Deus mesmo nos garante: “Se no entanto o mau renuncia a todos os seus pecados para praticar as minhas leis e seguir a justiça e a equidade, ele viverá, não morrerá. Nenhuma das culpas será lembrada, mas ele viverá pela justiça que praticou” (Ez 18,21-22).

Estas são as promessas infalíveis do Senhor, pela boca do profeta Ezequiel. Pela boca de Miquéias, pois Deus assegura além disso de aplacar-se à vista de nossa penitência; a ponto de prometer atirar fora todas as nossas iniquidades e de arremessar todos os nossos pecados no fundo do mar, para que fiquem sepultados no eterno esquecimento (cf Mq 7,18-19).

Duvidaremos ainda das promessas divinas? A Verdade não pode faltar a si mesma. Diz S. João: “Se reconhecemos os nossos pecados, Deus, que é fiel e justo, nos perdoará os pecados e nos purificará de toda culpa” (1Jo 1,9).

Perdoar num instante todas as culpas, quantas possam ter sido cometidas em muitos anos de vida irregular; obter um total e seguro perdão, mesmo que se tivesse abusado muitas e muitas vezes da divina misericórdia; limpar assim perfeitamente a alma que não apareça nenhuma mancha, nem mesmo a mais íntima e escondida: isto é fruto da penitência. Não é isso realmente precioso? Não deve ser a todos nós sumamente querido e desejável?



A PENITÊNCIA SACRAMENTAL (cont.)

O CONFESSOR E O PENITENTE

O sacerdote que se assenta no tribunal da Penitência representa a pessoa do próprio Cristo e faz suas vezes. Ora se Cristo longe de rejeitar um pecador que recorre a Ele demonstrando verdadeiros sinais de arrependimento, trata sempre com muita afabilidade os publicanos, acolhe amoroso as lágrimas das pobres Madalenas, despede absolvidas as adúlteras já condenadas à morte, promete levar consigo ao paraíso um ladrão que da cruz se volta para Ele depois havê-lo pouco antes blasfemado; como poderá o seu ministro não tratar com o mesmo espírito de doçura e mansidão os penitentes que dele se aproximam? Mostrará talvez repugnância para quem se apresenta ferido com aquelas chagas sobre as quais o Médico divino se apressa a derramar com suavidade e eficácia, quase como um bálsamo celeste, o seu próprio precioso sangue?

O confessor, pois, é ele também um homem como todos os outros, sujeito aos mesmos perigos de cair, rodeado de enfermidades, tornado compassível pela experiência das próprias e alheias quedas, obrigado ele também a apresentar-se ao banho da penitência para justificar-se das próprias culpas. Ele conhece a fundo a fragilidade humana; sabe que também os homens mais espirituais e santos estão expostos a cair talvez gravemente. Ele está em situação pois de atender a fundo aquele gesto de humildade que transforma o pecador em justo no mesmo instante que reconhece o seu pecado; conforme o áureo dito de S. Ambrósio: “Desde que somos todos pecadores, é muito mais digno de louvor aquele que é mais humilde; é mais justo aquele que se reconhece mais indigno”.

Por isso, quanto mais graves são as culpas manifestadas, quanto maiores as dificuldades a serem superadas, o confessor tem muito mais motivo para consolar-se ao ver a eficácia da graça, e tem além disso um bom fundamento para crer que o penitente pertence ao número daqueles eleitos que S. João contempla vestidos de branco diante do trono de Deus por haver “lavado suas vestes tornando-as brancas como o sangue do Cordeiro” (Ap 7,14).

NENHUMA ANGÚSTIA PARA CONFESSAR-SE

Depois que o Senhor tirou de uma alma os pecados, quer tirar os defeitos, depois as imperfeições, e por último as próprias inclinações naturais desordenadas.

Mas não precisa por isso ter alguma angústia para aproximar-se da Confissão. Também onde se trata de defeitos e negligências, mesmo sendo útil e piedoso confessá-las, não é porém necessário, segundo a doutrina do Concílio de Trento. Aliás, a própria comunhão nos perdoa, conforme ensina a Igreja.

Mais ainda, qualquer ato fervoroso de caridade é suficiente para lavá-las; porque não sendo elas senão o efeito de uma diminuição da caridade, qualquer ato fervoroso dela as apaga completamente. Amemos portanto o Senhor com toda a mente, com toda a alma, com todo o

coração, com todas as forças, segundo o mandamento principal do Evangelho; e o Senhor não terá nada contra nós, como nós não teremos nada contra Ele.

O sarmento não está fora da videira; mas estando ele na videira e mesmo dando fruto, o agricultor o poda a fim de que produza mais fruto (cf. Jo 15,2). Quando Pedro ouviu aquela repreensão, “homem de fé fraca porque duvidaste?” (Mt 14,31), não estava longe nem a caminho de ser afastado, mas próximo de Cristo e em ato de avizinhar ainda mais dele, puxado pela sua própria direita. Estava naquele momento tão desejado pela esposa dos Cânticos: “Arrasta-me a ti” (Ct 1,4).

PE. GASPAR CONFESSOR

O bem que fez Pe. Gaspar com o ministério da confissão foi excepcionalmente grande. Na direção das almas tinha uma particular habilidade e um espírito do Senhor todo especial, unido a uma grande prudência. Não havia alma, que por mais enredada que fosse nas paixões e nos vícios, recorrendo à caridade de Pe. Gaspar, não encontrasse nele o piedoso Samaritano que com o óleo e o vinho da sua bondade e prudência não conseguisse cicatrizar a mais profunda ferida. Diversos párocos e sacerdotes não encontravam melhor solução, para certos casos particularmente difíceis e intrincados, que enviar a Pe. Gaspar seus penitentes.

No confessionário, Pe. Gaspar tinha uma delicada doçura e bela maneira, e sabia adaptar as reflexões e os conselhos e os remédios às qualidades das pessoas; se tratasse de sacerdotes, se personalidades distintas ou de humilde gente do povo, sabia dizer aquilo que a cada um melhor cabia. Particularmente notável era nele a reverência e o respeito em relação aos sacerdotes. Não podendo ir pessoalmente confessar um sacerdote, por estar imobilizado na cama, mandou um seu jovem confrade, recomendando-lhe: “Vai você, mas lembre-se de tratá-lo com todo o respeito, humildade e reverência”.

Pe. Gaspar teve a consolação de ver que muitas almas, por seu intermédio e de seus companheiros, foram conquistadas para Deus, reconduzidas ao bom caminho, e muitas também encaminhadas para a perfeição.



AUTORIDADE E OBEDIÊNCIA

A AUTORIDADE É SERVIÇO

“Os chefes das nações as subjagam, e os grandes as governam com autoridade. Não seja assim entre vós; mas todo aquele que quiser tornar-se grande entre vós, se faça vosso servo” (Mt 20,25-26). Na Igreja, alguns são constituídos em autoridade para servir aos fiéis e ser seus ministros, segundo as indicações de Cristo. Por isso devem procurar o bem dos outros mesmo a custo de renunciar os próprios interesses; a ponto de se ocorresse, estejam prontos a dar a vida por eles. S. Paulo podia declarar de si mesmo: “De mui boa vontade darei o que é meu, e me darei a mim mesmo pelas vossas almas” (2Cor 12,15).

S. Pedro exorta os anciãos a apascentar o rebanho de Deus: “não como dominadores absolutos sobre as comunidades que vos são confiadas, mas como modelos de vosso rebanho” (1Pd 5,31). São os tiranos que mandam sobre os outros e procuram dominá-los. O ministro de Cristo não deve ser por nada imperioso e se cuidará bem de pesar sobre a comunidade dos fiéis, que é povo de Deus. À vontade de domínio se opõe o esforço pelo exemplo; será antes de tudo mediante o exemplo de uma vida santa que o ministro exercerá a sua autoridade. Procurará tornar-se para todos mestre e modelo de virtudes, oferecendo pela sua vida uma imagem rica de excelentes obras, às quais se possam facilmente conformar os desejam fazer o bem.

Pois o espírito de dominação e de imposição e qualquer manifestação disso é reprovável, todos fujam de qualquer desejo de impor-se aos outros e de todo modo imperioso. Se alguém é obrigado a tornar-se superior, procura não impor, mas indicar o que deve ser feito, e todos prestem serviço uns aos outros.

PRIMEIRO DEVER DE UM SUPERIOR DE COMUNIDADE

Quem é superior em uma comunidade deve apresentar-se a todos como modelo, realizando em si a norma de bem viver quanto mais perfeitamente possível. Não basta que seja proeminente pelo título e a posição, mas cuidará de sê-lo sobretudo pela virtude e pela piedade.

Seu primeiro cuidado seja este: que com sua oração e santos desejos sustente a comunidade quase com suas costas.

Por isso, o superior saiba examinar-se se verdadeiramente tem cuidado em manter a casa de Deus a ele confiada, ou se há negligência, descuido ou desmoronamento. Examine-se se na oração teve sincero fervor, se soube forçar a bondade de Deus como ele deseja; convencido de que vale mais uma palavra dita ao Senhor na oração, que muito estrépito sem esta.

Examine-se ainda se nutriu santos desejos; tão puros e tão inflamados de zelo pela divina glória, que possa agradar a Deus e empenhar a sua onipotência. Enfim, querendo progredir como é necessário, veja se esta oração e estes santos desejos estão imitando a oração e os desejos santíssimos do Coração de Cristo, mortal e passível neste mundo e glorioso e imortal no Céu e na SS.ma Eucaristia, em vantagem e sustento da sua Igreja.

CARIDADE E FIRMEZA NOS CASOS DIFÍCEIS

Não nos deixemos perturbar pela presença na comunidade de qualquer indivíduo que crie dificuldades. Se o mal é curável, apresse-se com toda a caridade e paciência o remédio. Se não suporta o tratamento, com diligência e prudência proceda-se a desimpedir a casa. Poucos indivíduos, mas como devem ser, farão mais que muitos lânguidos e defeituosos.

Se, pois, o indivíduo não quer ir-se em paz, o que seria melhor, que vá de má vontade: primeiro, porque o osso fora de lugar sempre faz mal, não pode ter repouso nem deixa os outros terem; segundo, porque diminuído o ressentimento, poderá voltar à paz; terceiro, porque se é desequilibrado será conhecido como tal por todos.

Procure-se no momento da partida, usar com o indivíduo as mais belas maneiras. Mesmo que no momento não saiba apreciá-las, se recordará delas depois e falará bem da comunidade. Todavia, quando é necessário agir, não se retarde a partida; a dor e o prejuízo que causará não é comparável com aquele que causaria permanecendo. É como quem tem o dente estragado; fora o dente da boca, fora também a dor. Com as boas, o melhor que se pode, vá com Deus.

E rezemos ao Senhor para consolar os que ficam; dos quais é bem compreensível a aflição. Mas um pouco para cima, um pouco para baixo, um à direita, um à esquerda, segue-se nas pegadas daquele que nos precede com a cruz às costas e continua a gritar: “Se alguém quer vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz, e siga-me” (Lc 9,23).

QUEM VOS OUVI A MIM OUVI

Cristo se fez obediente por nós e se humilhou até a cruz. A obediência é o caminho mais seguro, é como o atalho, para a perfeição. Procuremo-nos o merecimento de obedecer perfeitamente.

Quando uma alma é assim dócil aos superiores, mesmo diante do próprio juízo, então é seguramente conduzida pelo Espírito de Deus. “Quem vos ouve a mim ouve” (Lc 10,16). Para quem não tem superior, antes é superior, o voto de obediência liga o espírito a uma total dependência a Deus em todas as coisas.

Diante de uma ordem que fosse manifestamente contrária à lei divina ou eclesiástica, ou à regra do Instituto religioso, cada um sintase obrigado a obedecer antes a Deus que aos homens (cf At 4,19). Se na execução de uma ordem legítima se interpusesse um impedimento verdadeiro, ou que ao menos se creia como tal, ou se se duvidasse fundamentamente, com humildade dar-se-á conhecimento ao superior, deixando-lhe a decisão.

Em todos os outros casos a obediência deve ser inteira, pronta, forte e humilde, com perfeita abnegação da própria vontade e do próprio juízo.

Cada um, pois, se acostume a deixar-se guiar habitualmente pelo conselho e pelo juízo dos superiores.

(continua)

AUTORIDADE E OBEDIÊNCIA (continuação)

QUALIDADE DA OBEDIÊNCIA

Existem alguns que obedecem não por amor a esta virtude, mas puramente para tranquilizar-se em seus temores; por isso as coisas contrárias ao seu gênio se colocam em forte contraste com seus superiores.

Todos obedeçam ao próprio superior com a Cristo. Deve-se procurar obedecer não só materialmente, mas também em conformar a vontade e o próprio pensamento às disposições dos superiores.

Em relação à vontade, a intenção da obediência deve ser pura; isto é, obedecer para cumprir o preceito e para cumprir a vontade do superior, ou melhor, a vontade de Deus, que se realiza pela ou por meio dela. A obediência seja ainda de boa vontade, de modo que se obedeça de boníssima boa vontade e com suma diligência. Finalmente a obediência seja alegre e com gáudio espiritual; se execute com ânimo forte e perseverante, e com toda humildade de espírito.

Quanto ao intelecto, procure-se que a obediência seja totalmente simples, procurando ver no superior não tanto o homem, quanto o próprio Deus, e de receber o preceito dela não como coisa do homem, mas como coisa de Deus.

Ninguém, pois, se esforce para ser mandado para este ou aquele lugar, mas se deixe mover pela obediência; embora não seja mal mostrar-se pronto e disposto. De fato Isaías se ofereceu, e Jeremias se escusou; mas nem Jeremias se recusou a Deus que o mandava (cf Jr 1,6ss), nem Isaías pretendeu ir antes de ser purificado com o carvão ardente tirado do altar.

O SINAL DOS SINAIS

As obras de Deus são perfeitas; e Deus garante a autenticidade da vocação ao ministério principalmente por meio de três sinais. Sinal que confirma os outros é a plenitude do Espírito Santo, com que se recebe a graça da Palavra, o afeto e ao mesmo tempo o efeito da caridade, ou seja, o amor à palavra. Sinal da plenitude é a excelente humildade. Sinal da excelente humildade é a perfeita obediência, que é o sinal dos sinais, ou seja, o sinal de todos os testemunhos.

A forma da perfeita obediência se consegue quando em tudo o que fazemos exteriormente tenhamos fixos o olhar em Deus, presente em todo lugar. Assim através o exercício da obediência se obtém a garantia seja da retidão do agir, seja o incremento da fé e da devoção. Age-se retamente, porque a fadiga da obediência é orientada para Deus sempre presente diante de nós; e se aumenta a devoção, porque nos esforçamos em agradar a ele que vê o nosso coração, o nosso esforço e se prepara para dar-nos a recompensa no Céu.

Todas as Escrituras ensinam a obedecer. “Tudo quanto outrora foi escrito, foi escrito para a nossa instrução, a fim de que pela perseverança e pela consolação que dão as Escrituras, tenhamos esperança (Rm 15,4). A esperança e a consolação são companheiras da obediência; a esperança lhe é quase a flor; fruto é a vida eterna.

AUTORIDADE E OBEDIÊNCIA NO EXEMPLO DE PE. GASPAR

O Superior dos Estigmas, homem de muito tino e piedade, sabe orientar sua comunidade com tal suavidade de maneiras e com tal firmeza, que um só espírito anima a todos e uma só vida, por assim dizer, em todos se difunde.

Nas suas obrigações, por relevantes ou menores que fossem, Pe. Gaspar não deixava de consultar os mais velhos dos seus companheiros; e embora lhes fosse pai e fundador, respeitava-lhes o conselho como se fosse inferior e o menor deles.

No que diz respeito à obediência para com seus superiores, em particular aos Bispos, não se pode dizer quanto fosse áacre e pronta. Uma só palavra deles era para ele uma ordem da qual, por quantas razões contrárias se pudessem apresentar, não se afastava jamais. E embora fossem difíceis os encargos a ele confiados, ele se submetia inclinando a cabeça e confiando, quanto à execução, no auxílio e na graça de Deus. Mesmo em condições de saúde abalada, ou de verdadeira enfermidade, cumpria muitas incumbências pelo convite dos superiores.

À luz do seu grande amor à obediência, e daquela forte motivação de fé pela qual ele colocava Deus na voz e na pessoa do Superior, compreende-se, outrossim, o zelo com que ele procurava inflamar também todas as pessoas por ele dirigidas e aconselhadas à prática daquela virtude.



TEMPLO DE DEUS

O NOSSO CORAÇÃO TEMPLO DE DEUS

Deus quer consagrar o nosso coração formando um templo onde ele mesmo more. S. Paulo diz: “Não sabeis que sois templo de Deus, e que o Espírito Santo habita em vós? Porque o templo de Deus é sagrado – e isto sois vós” (1Cor 3,16ss). De fato, embora se possa dizer que Deus está em todo lugar pela imensidade, Ele porém habita de modo especial nos corações justos, aos quais comunica não só a graça com todos os dons, mas o próprio Espírito autor de toda a graça e de todos os dons.

Eis portanto esta alma que Deus mesmo escolheu para si quase como um ameno e delicioso templo, ou palácio, para aí residir e deliciar-se. “As minhas delícias são estar com os filhos dos homens” (Pr 8,31); isto é conversar com eles no mais íntimo do seu coração. É aqui que Ele nos chama com doce convite: Vinde, libertai-vos de todos os cuidados ansiosos, despojai-vos dos afetos mundanos; e provareis quanto é bom, quanto suave o vosso Senhor, o vosso Deus.

Afortunada esta alma! Tendo encontrado o seu Amor dentro do próprio coração, pode bem dizer: “Meu amado é para mim e eu para Ele” (Ct 2,16) “e não o largarei” (id 3,4). Que paz, que serenidade deve gozar esta alma! S. Paulo já predisse, afirmando que todos os justos possuiriam uma grande paz (cf Rm 5,1). Nem goza só no presente, mas antecipadamente do futuro, pois – como prossegue ainda o Apóstolo – “nós nos gloriamos na esperança de possuir um dia a glória de Deus” (id 5,2).

INABITAÇÃO DIVINA E VÍNCULO ESPONSAL

O Espírito de Deus fazendo uma alma participante do seu amor a santifica; e portanto dela como de sua esposa se aproxima, nela habita, opera e se delicia.

Se tanta honra se deve às Igrejas porque são templos materiais da majestade de Deus, como não será honrada pelos anjos e pelos homens um templo vivo, todo esplêndido, interior, no qual se realizam castíssimas e sublimes núpcias entre Deus e alma? “Eu te desposarei na fé” (Os 2,20), na justiça, na caridade; pois estas são justamente as gemas preciosas com que a adorna. Se quisermos ver também as vestes desta esposa celeste, no-las mostra S. Paulo: Oh Deus com que esplendor! “Revesti-vos – diz ele – do Senhor Jesus Cristo” (Rm 13,14).

Que beleza, pois, pode ser comparada à de uma alma que Deus mesmo adornou para fazê-la sua esposa? Faltam-me cores para pintá-la. Direi somente cheio de espanto, com o próprio Apóstolo, que quem se une a Deus com uma adesão tão estreita, por uma transformação amorosa, torna-se um mesmo espírito com Ele.

UNIDOS A DEUS, NOS EXALTAREMOS ATÉ NAS TRIBULAÇÕES

Que felicidade ter Deus dentro de nós! Ele é o sumo bem que pode preencher perfeitamente todas as nossas potências, porque Nele estão reunidas todas as perfeições e se

encontram todos os recursos capazes de satisfazer cada coração segundo suas particulares exigências. Por isso na S. Escritura Ele se apresenta como “o maná escondido” (Ap 2,17), e diz: “põe tuas delícias no Senhor, e os desejos do teu coração Ele atenderá” (Sl 36,4).

As mesmas tribulações desta vida, por quanto possam parecer que coloquem um dique ao livre curso das celestes consolações, na realidade não fazem senão reuni-las em maior quantidade, duplicam-lhe a impetuosa cheia, até que superabundando vençam: por isso “nos gloriamos até das tribulações – diz ainda S. Paulo em nome de todos os justos – bem sabendo que a tribulação produz a paciência, a paciência prova a fidelidade, e a fidelidade comprovada, produz a esperança. A esperança, pois – Oh Deus! Que belas palavras! – não engana. Porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5, 3-5).

E quem poderá desconfiar do seu amor? “Depõe no Senhor os teus cuidados, porque Ele será teu sustentáculo”, diz o Salmista (Sl 54,23). Deus é liberal em nossas necessidades, luz em nossas dúvidas, consolação em nossas penas, repouso nas fadigas, nosso sustento, nossa fortaleza e nossa paz.

ESTOU À PORTA E BATO

Diante de tal convite do Senhor que quer fazer de nós o seu templo talvez em alguma alma, por excessiva timidez, tende recuar, pensando que todas estas coisas são assim tão belas, mas não são para elas.

Entendo: preocupa-se com seus graves pecados e sua própria reconhecida miséria. Não obstante, se com tudo isto se conseguisse ver o próprio Cristo que está à porta do nosso coração, e ouvir como ele pede para entrar aí! Abramos as divinas Escrituras e vejamos o que está escrito no Apocalipse, ouçamos as próprias palavras de Cristo: “Eis que estou à porta e bato” (Ap 3,20). Sim, Ele está à porta do coração; e de que coração, senão daquele do pecador, enquanto nos justos ele já está dentro, bem acolhido e como pacífico possuidor?

Bate à porta do coração com tantas luzes, com tantos impulsos, colocando diante dos olhos a suma felicidade a que é possível chegar mediante sua graça. Sim, Ele bate: “se alguém abrir-me a porta, entrarei em sua casa” (id). Ele fala como um hóspede que vem de noite; e isto quer dizer que, esquecida toda ofensa e toda recusa, Ele quer viver com a alma em grande familiaridade de amizade.

Nem diz só: “eu entrarei”, mas também “cearemos, eu com ele e ele comigo” (id); isto é eu me deixarei tratar com muita familiaridade, deliciando-me familiarmente com ele, como entre amigos. E ele por sua vez comigo, nesta cela deliciosa de celestes prazeres; com o uso dos seus sacramentos, porque eu não desdenharei recebê-lo em minha alma.



INICIATIVAS APOSTÓLICAS

COMO PREPARAR-SE PARA AS OBRAS DE DEUS

O tempo da manifestação da chamada de Deus é indicado ordinariamente por uma superabundante infusão de caridade e de amor. “Permaneeci na cidade até que sejais revestidos da força do alto” (Lc 24,49). Esta caridade que vem do céu distingue-se bem do falso zelo imprudente que vem da terra.

A abundância e o acréscimo da caridade: eis o sinal decisivo e definitivo do momento em que se deve começar a por para fora os empreendimentos, que há longo tempo estão sendo concebidos nas luzes secretas e nas inspirações ocultas do Espírito Santo e fomentadas com o calor da oração e amadurecidas com muitas meditações. A linguagem, pois, do Senhor é a paz; com esta ele nos responde e nos assegura do que lhe agrada: “Escutarei o que diz o Senhor Deus, porque ele diz palavras de paz ao meu povo” (Sl 84,9).

Tudo parece que solicite e convide a apressar a preparação de quanto o Senhor nos inspirou para sua glória. A nós, certamente, convém esperar, não ser esperados. Mas eu creio que não se deverá esperar um só momento, uma vez que estivermos prontos; pois o Senhor está mais próximo do que nós pensamos, antes, está tão perto que está à porta e espera só que estejamos prontos nós, ele está justamente às portas (Mt 24,33).

As luzes de Deus devem ser recebidas com grande sentimento de caridade e com pureza de intenções, e sejam guardadas com suma diligência. Por isso anotemos também as coisas pequenas, além das grandes (porque nas coisas de Deus tudo é grande), conforme o Senhor vem esclarecendo os pontos do seu desígnio.

CORAGEM E CONFIANÇA EM DEUS

O Senhor que deu a planta do edifício inteiro dará também o desenho de cada parte, em proporções de grandeza e de magnificência de toda a construção. Se, no momento, não o vemos ainda bem delineado diante dos olhos da nossa mente, fiquemos certos que o veremos claro quando lhe aprover; e aquele será o melhor tempo. O Senhor nos iluminará para completar em nós, conosco e por nosso meio o que ele começou: “Aquele que iniciou em vós esta obra excelente, lhe dará o acabamento” (Fl 1,6).

Ocorre, portanto, ânimo muito elevado, pois o Senhor quer fazer os desenhos não sobre o papel ou tel, mas sobre o espírito. Se este espírito não for bem espaçoso e alto, não pode receber em si o plano de um edifício de tanta altura e grandeza, todo desenvolvido até os últimos detalhes; arrisca receber somente aquilo que pode conter, isto é, um esquema reduzido. À medida portanto que se dilatar o nosso ânimo pela caridade em Cristo Jesus, dilatar-se-á também e se desenvolverá o projeto magnífico da sua glória.

Louvido seja Deus por tudo o que Ele está para cumprir. Felizes os que confiaram neste potentíssimo e amantíssimo Senhor! Nada mais se quer. Como ele deu o desejo, “dará também a força e o vigor” (Sl 67,6). Que bela coisa é isto, onde o desejo não dista um passo do fato;

“tudo o que ele quis – e em força desta vontade fez também que nós o quiséssemos – Ele o fez” (Sl 133,3). Já o fez – porque não há coisa que possa resistir à sua vontade – antes ainda de fazê-lo executar por nós, os pobres. Não falta nada, portanto, onde não falta confiança. Engenho, saber, força, tudo encontraremos nele com superabundância. “Feliz o homem que se refugia junto dele” (Sl 33,9).

QUANDO SE TRATA DE DECIDIR

Todo bom empreendimento requer muitas orações, muita diligência, suma confiança em Deus e suma cautela por parte dos homens, extrema humildade e virtudes quase heróicas. Se nós fizermos o possível do nosso lado, Deus fará tudo e bem do seu lado. Os humildes e mansos de coração Deus carrega no colo como uma mãe, e os tira fora da lama.

Procuremos também que se façam orações comunitárias. Quem tivesse maior fervor de devoção esquentaria os que tivessem menos; e o que coloca tudo debaixo dos pés e Deus só diante dos olhos fará pois andar o carro da glória de Deus, e arrastará consigo também aquelas almas que, atrapalhadas ainda um pouco pelo resto da vida presente, não seriam talvez as mais ágeis na corrida.

Quando pois for o momento de fazer a escolha, determinemo-nos francamente – esperando tudo de Deus, que não falta certamente no tempo oportuno – por aquele partido que parecer o mais prudente e o mais conveniente no Senhor. E não percamos tempo. Façamos o que está em nós com o auxílio de Deus, e o Senhor Deus fará o que cabe a ele, e o fará como ele é.

NÃO PREOCUPAR-SE COM O AMANHÃ

Por nenhuma razão podemos ser induzidos ao temor ou à desconfiança. Sintamos com quanta força nos grita o Evangelho “Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo” (Mt 6,33). “Não vos preocupeis, pois, com o dia de amanhã” (id v. 34); e quem abandonar por amor de Cristo casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou filhos, ou terras receberá o cêntuplo e possuirá a vida eterna” (Mt 19,20).

No que se refere aos nossos defeitos, esses eram já conhecidos ao Senhor mesmo antes que nos fizesse o seu convite. E se estes agora se vão tornando mais manifestos aos nossos olhos, devemos também procurar conhecer muito melhor a sua bondade e onipotência, porque é mister, e nosso dever, que junto com a humildade cresça a confiança. De fato ninguém que esperou nele ficou confundido. E quem se apóia sobre a palavra de Deus, por mais que seja fraquíssimo e enfermo, se tornará fortíssimo. Se o Senhor torna claro o objeto de sua glória, tornará claro e devagar também o modo e o quando.

Se pois outras tropas se unem às gloriosas bandeiras de Cristo, provenientes de outras parte e sob a orientação de outras pessoas, nós devemos tirar daí motivo de consolação; porque de fato quanto mais formos, tanto melhor será para a glória divina, para todos nós, e para cada um de nós, desde que a caridade na recíproca comunicação e divisão cresce e multiplica.



INICIATIVAS APOSTÓLICAS (cont.)

UM PASSO POR VEZ

Procuramos muitas vezes saber “o que se deve fazer”; mas não basta. Precisar-se-á também conhecer “como se deve fazer”. E nem mesmo isto será suficiente, porque é conveniente também esclarecer o “quando se deva fazer”. O Senhor, no entanto, que fez o primeiro passo, fará também o segundo e o terceiro; comunicando a luz que ilumina todo homem que vem a este mundo (cf Jo 1,9).

No mais, onde se vê claro vamos avante; e se algum ponto não está bem claro, esperemos com confiança a luz. Procuremos dispor não só as coisas, mas também a ordem das coisas e o modo de tratá-las, antes de tudo diante do Senhor, antes de tratar com os homens. E não tenhamos medo, porque o Senhor disse: “Vou-te ensinar, vou-te mostrar o caminho que deves seguir. Vou-te instruir, fitando em ti os meus olhos” (Sl 31,8).

Muitos precipitam as realizações por apressar-se e antecipar o sucesso. E muitos ainda estão neste engano, que para não arruinar suas obras e os empreendimentos deixam alguma obrigação. Mas justamente por isto as arruinam mais. Jamais deixar um ponto, nem mesmo de perfeição, com o pretexto de não estragar os empreendimentos!

SE DEUS ESTÁ CONOSCO, QUEM ESTARÁ CONTRA NÓS?

O Senhor é o Deus da paz, da concórdia, da caridade e não há coisa alguma que possa resistir à sua vontade. É necessário que todos a cumpram; e, melhor que tudo, aqueles que mais parecem querer contrariá-las para fazer a própria vontade. “Tudo está a vosso serviço” (Sl 119,9). “Nosso Deus está nos céus, Ele faz tudo o que lhe apraz” (Sl 113 B, 3).

Já que o Senhor está acima de todos os nossos contrastes, segue daí que nós devemos manter imóveis os olhos da nossa fé nele, sem perdermo-nos em nenhum caso: sendo também certíssimo que “sua misericórdia é grande para os que o temem” (102,11).

Que faremos em reconhecimento de tantas misericórdias? Aquilo que deve uma criança à sua mãe: o que tem em seus braços, e não quer nem mesmo colocá-la no chão. A mãe mostra às vezes ao seu filhinho uma fruta na sua mão. Ele fica todo em festa e alegria ao ver a beleza deste fruto, imaginando sua doçura. Mas logo o gáudio se muda em tristeza e a alegria em pranto, não podendo alcançar, por mais que levante as mãos, a direita da mãe que acima dele está balançando. Que faz então para obtê-la? Agarra-se à mãe e não para de pedir-lhe. Assim consegue.

Em Deus, portanto, devemos principalmente manter fixo o olhar, e sendo do seu agrado, tudo irá bem. “Meus olhos estão sempre fixos no Senhor, porque Ele livrará dos laços meus pés” (Sl 24,15). “Feliz o homem que se compraz na lei do Senhor; tudo o que empreende prospera” (Sl 1,1-3).

No final de contas, as iniciativas apostólicas autênticas são o fruto principalíssimo da oração.

DEUS SABE TIRAR O BEM MESMO DO MAL

Quando um empreendimento agrada a Deus deve ser bem impugnado, do seu nascimento até seu término; e se, por ventura, a Deus agrada alguma coisa diferente do que nos parece dever-lhe agradar, é melhor que vença a vontade divina – sapientíssima, justíssima e perfeita – sobre a nossa vontade, ignorante, desordenada e má. Pois se a obra é de Deus, ninguém a poderá destruir. “Esta esperança eu tenho firme no meu coração” (Jó 19,27). No início certamente haverá dificuldades; mas ninguém poderá impedir a hora que manifestamente o Senhor traça com sua mão. Deus sabe dirigir para o bem também as coisas mal feitas.

No entanto é necessário, da nossa parte, purificar a mente, conformar o coração e fazer conta que o Senhor diga também a nós o que disse aos dois irmãos, filhos de Zebedeu: “Podeis beber o cálice que estou para beber?” (Mt 20,22). Sabemos que eles responderam prontamente: “Sim, podemos” (id). E Jesus acrescentou: “De fato bebereis meu cálice (como de fato o beberam, sustentados pela graça divina); porém, sentar-vos à minha direita ou à minha esquerda, isto é para aqueles aos quais Deus os reservou” (id v. 23).

Seja bendito por todos os séculos o Pai celeste, e Ele nos dê a graça de cumprir, não em parte mas no todo, a sua vontade; porque nisto consiste a nossa santificação, a utilidade dos nossos irmãos e a sua glória.

O NASCIMENTO DO ORATÓRIO MARIANO: COMO EM BELÉM

Quando Pe. Gaspar decidiu colocar mãos à obra, levou os primeiros meninos a um local no térreo da casa paroquial, onde era a biblioteca do pároco, porque não havia outro cômodo mais adaptado na paróquia. Mas devendo retirar-se dali pouco depois, por causa da reforma da mesma casa, quase como se não houvesse um lugar para eles na hospedaria (cf Lc 2,7), foi colocar-se debaixo de um alpendre. Desimpedido do melhor modo, ali recolheu seus jovens, a ali teve princípio e forma aquele Oratório Mariano do qual tomaram norma e forma todos os outros Oratórios; com grande proveito da juventude e de todas as paróquias que os acolheram e cultivaram.

Não se pode dizer como este humilde princípio e a vista daquele mísero retiro alargasse e elevasse o coração do Pe. Gaspar às mais belas esperanças. Ele que vivia só de fé e que em todas as suas obras olhava sempre o exemplo do divino Mestre, alegrava-se todo no seu coração; porque o nascimento daquela sua ainda pequena obra evocava com tanta semelhança o nascimento na cabana daquele que devia levar a luz e a salvação ao mundo. Também nisto ele soube reconhecer a divina Providência.

Por isso dedicou-se a confortar seus jovens, a animá-los à humildade, à abnegação de si, ao amor à pobreza e à mortificação. Em uma palavra, aquelas virtudes que Jesus nos ensinou tão eloqüentemente na mísera cabana de Belém. Ele era muito forte e muito constante para deixar-se abater por aquelas dificuldades, ou outras ainda bem maiores, certo como estava que a obra agradava a Deus porque vinha dele.



BOM USO DO TEMPO

O TEMPO NÃO VOLTA MAIS

“Aproveitar o tempo presente” (Ef 5,16). O tempo não volta mais. Por isso é preciso usá-lo com grande diligência.

Ordem de afetos, ordem de tempo. Primeiro servir a Deus e louvá-lo, depois qualquer outra coisa. Primeiro a alma depois o corpo. Primeiro o esforço para a perfeição espiritual, depois as várias ocupações. “Acima de tudo esteja a caridade” (Cl 3,14).

Ordem de horas bem distribuídas. Não é preciso fazer as coisas ao acaso: fazer as coisas ao acaso é sempre mal, ensinam os mestres de espírito. Por exemplo: existem alguns que fazem uma certa coisa não porque aquele é o tempo em que deve ser feita, mas sim porque então têm a inspiração de fazê-la. Assim se uma outra vez não estão com a mesma inspiração, ou não a fazem ou a fazem mal feita. Estas são pessoas que começam o dia sem saber o que vão fazer, e o terminam sem saber o que fizeram. Pelo que, um dia fazem, outro não; um dia de um modo, outro de outro; uma vez isto, outra aquilo; uma vez menos, uma vez mais; uma vez tudo, outra vez nada. Sem método, sem ordem, agem segundo os leva sua leviandade.

É preciso estabelecer um princípio fundamental: que todo cristão, e mais ainda uma pessoa consagrada, deve distribuir as horas do dia de modo que não haja uma parcela de tempo que não seja bem empregada. O tempo é um dom precioso. Deus no-lo deu para que fizéssemos bom uso dele para a vida eterna. Mas não se faz bom uso dele se não se estabelece um método de vida, e se por cada uma das atividades não se fixa um tempo determinado. Não desperdiçar nem mesmo uma pequena parte do grande dom (cf Eclo 14,4).

Não nos basta ter ouvido, não nos bastam belos projetos na cabeça; não nos baste nem mesmo um método escrito. Ação é preciso. Não nos confiemos em bons desejos: ações, ações! Mediante as boas ações procurai “cada vez mais em assegurar a vossa vocação e eleição” (2Pd 1,10).

FUGIR DO ÓCIO

A ociosidade é a filha primogênita da acídia. Deve ser evitada por todos, pois é a causa de muitos males. Ela torna o homem estulto e o deixa apatetado. Que maior loucura que não ter cuidado da própria vida buscando-a quanto é necessário e defendendo-a dos inimigos? Tanto mais que o ocioso não só não defende sua alma dos inimigos, mas a expõe a eles e contribui diretamente para reforçar os próprios inimigos. Pelo ócio de fato se alimentam os vícios, e o demônio adquire maior força contra o ocioso.

Em todo estado de vida e em todas as épocas da história o ócio foi julgado digno de censura e repreensão. Mas no nosso felicíssimo tempo da Lei evangélica ele parece mais censurável que nunca. Antes de tudo pelo exemplo que nos veio de Cristo, que nos mostrou da maneira mais esplêndida a forma de bem agir: passando o dia em consolar os aflitos, curar os

enfermos, livrar os obsessos, dar a vista aos cegos, ensinar os ignorantes e em cumprir todo gênero de obras de misericórdia, e depois passando a noite em oração (cf Lc 6,12).

Este mesmo exemplo nos deixaram os Apóstolos e seus seguidores, em particular S. Paulo, que pôde dizer de si mesmo: “Vós mesmos sabeis: estas mãos proveram às minhas necessidades e às dos meus companheiros” (At 20,34).

E depois o ócio ainda particularmente parece censurável em nós cristãos porque somos resgatados pelo caro preço do Sangue de Cristo, para fazer o bem: “Porque fostes comprados por um grande preço. Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo” (1Cor 6,20). E Deus se mostra e se glorifica em nosso corpo quando fazemos o bem.

Insiste ainda S. Paulo: “Por isso, meus amados irmãos, sede firmes e inabaláveis. Aplicando-vos cada vez mais à obra do Senhor. Sabeis que o vosso trabalho no Senhor não é em vão” (1Cor 15,58).

O TRABALHO MANUAL

O trabalho, também manual, convém a todos os homens ao menos por duas razões: é uma pena estabelecida pelo Criador a todos depois do pecado dos progenitores (cf Gn 3,19); é um meio fundamental para fugir do ócio e empregar utilmente o tempo, para não comer grátis o pão alheio, para ganhar alguma coisa com que ajudar os pobres, para gozar a verdadeira tranquilidade do coração. S. Bento adverte seus discípulos que se podem dizer verdadeiros monges só quando vivem do esforço das próprias mãos, como os próprios Apóstolos costumavam fazer. Ele prescreve determinadas horas em que os irmãos devam ocupar-se no trabalho manual, e outras para a “lectio divina”; e com o mesmo espírito quer que os irmãos se sirvam mutuamente, de modo que nenhum seja isento do trabalho na cozinha ou no cuidado do campo, nem se entristeçam por isso.

É verdade que os encargos e os exercícios a que cada um é obrigado, segundo a própria condição, podem surgir em linha geral o trabalho manual; e se as leis da própria condição não prescrevem particulares tipos de trabalhos manuais, se observa a lei comum do trabalho cumprindo exatamente quanto aquelas leis prescrevem. Mas isto não quer dizer que não seja ótima coisa – desde que tais exercícios pertençam mais ao espírito – acrescentar alguma fadiga do corpo, conveniente à condição de cada um; porque Deus é criador tanto da alma como do corpo, e de ambos exige justamente o tributo do nosso serviço.

Para que, pois, o trabalho seja meritório, seja unido com a oração e com a aplicação da mente a Deus. “O exercício corporal traz pequeno proveito, a piedade, esta sim, é útil para tudo” (1Tm 4,8). Deste modo, enquanto as mãos produzem aquilo de que se alimenta o corpo, a alma não é retraída de Deus.

